MARQUÊS DE RIO MAIOR

VIDA
DE
S. TOMÁS DE AQUINO



1949
COMP. E IMP. NA TIPOGRAFIA INGLESA, LTD.
RUA EUGÉNIO DOS SANTOS, 118
LISBOA

ÍNDICE

http:/alexandriacatolica.blogspot.com

IMPRIMATUR

† *Joannes, Arch. Mytilenensis*

Ulyssipp. die 4 de Junii 1923

CAPÍTULO I

A Aurora

NAS proximidades do Castelo de Rocca Sicca, residencia de Landulfo, Conde d'Aquino e senhor de Loreto, Acerra e Belcastro, vivia o eremita Bonus, homem de grandes virtudes e por todos tido como santo.

Um dia, segundo contam, iluminado pelo Espirito Santo, o solitario apareceu subitamente numa das salas da altaneira alcaçova feudal, vestido de pano grosseiro, e, apontando uma imagem de S. Domingos pendente de uma estatua de Nossa Senhora, dirigiu-se nestes termos à castelã, a ilustre Condessa Teodora:

— Rejubilai-vos, senhora, porque em breve dareis à luz um menino que chamareis Tomás. Vós e o vosso esposo desejareis que ele seja monge no mosteiro de Monte Cassino, jazida última do Bemaventurado Bento, na esperança de que chegue a ascender às honras e a dispor dos tesoiros desse mosteiro. Outros porém são os designios de Deus; pois ha-de ser Frade da Ordem dos Prègadores. A sua ciência será tal, e tão grande a sua santidade, que no mundo não se encontrará quem com ele possa rivalizar.

— Não sou digna de ter um filho tal; mas seja plenamente cumprida a vontade de Deus — respondeu a Condessa.

Com efeito, pouco tempo depois, no fim do ano de 1224, a Condessa Teodora deu à luz um filho, de que foi padrinho o próprio Papa Honório III, representado pelo Bispo de Aquino, cidade da região napolitana, dominada pelo imponente castelo de Rocca Sicca.

http:/alexandriacatolica.blogspot.com

Tão grande honra explica-se pela nobreza do neófito, cuja família, uma das mais conhecidas da Itália, descendia dos mais ilustres Lombardos, de famosos guerreiros e heróicos cruzados, era aparentada com as casas reais da França, Aragão e Sicília, com os Imperadores da Alemanha, e contava no passado, entre os seus ascendentes, santos como S. Gregório Magno.

Dos parentes do menino, seus contemporâneos, bastará citar os santos reis, Luis de França, e D. Fernando de Castela.

Foi a criança favorecida, na infancia, com uma prova especial da protecção divina. Uma noite de verão desencadeou-se, com súbita e terrífica violencia, sobre o castelo de Rocca Sicca a mais formidavel das trovoadas; e um raio, entrando pela janela da câmara em que dormiam os dois filhos mais novos dos Condes de Aquino, fulminou instantaneamente a menina, deixando Tomás tranquilamente entregue ao sono.

Esta maravilhosa imunidade e sossêgo em tamanho perigo, imagem perfeita da imperturbavel serenidade do Santo nos vindouros temporais da vida, originou a devoção popular de o invocar como padroeiro contra as trovoadas e a morte repentina.

Qual não seria o terno amor da devota e caritativa Condessa por tal filho que o Céu com tanta predilecção assinalava? A dedicada mãe de família, que nem sequer admitia a possibilidade de uma ainda que temporaria separação, acompanhou a Nápoles o menino que ali foi tomar banhos. Ora, certo dia, quando o preparavam para a imersão, notaram que numa das mãozitas segurava um papel enrolado. Quis tirar-lho a aia; mas a criança resistiu com lágrimas e soluços, e só a

mãe conseguiu sacar-lho. Vendo, porém, escritas no rolo as palavras: «Ave Maria», logo o restituiu ao inocente que o tomou vivamente, e à imitação do profeta Ezequiel, o enguliu.

Nos seus desgostos infantis, bastava a vista de um livro ou manuscrito para o consolar, tão grande prazer sentia em manuseá-los; e um dia (ainda mal sabia andar sòzinho), encontrando por acaso aberta a arca dos papeis de família, tirou-os de lá e arrumou-os com muita ordem e simetria.

— Bagatelas — dirão os cépticos. Porém, ao referi-las e insistirem nelas com verdadeira simpatia, dir-se-ia que os biógrafos do Santo as têm na conta de outros tantos prenuncios do seu futuro amor aos Livros Sagrados e da sua devoção à Virgem Maria. Tambem convem ponderar que, por ser S. Tomás o modelo da mocidade católica, nada do que, por qualquer modo, caracterize a sua forte individualidade deve considerar-se de somenos importancia.

Sob a constante vigilância e sábia direcção de Teodora, foi crescendo e medrando o portentoso mocinho que, pela beleza da sua alma, espelhada em gentilíssima presença, mais parecia anjo do Céu, que filho dos homens; e deveras estava com ele a graça de Deus. Iam correndo os anos e subia constantemente de ponto a atracção irresistivel que em todos exercia esta criança singular. Rasgos de génio, ridentes promessas de brilhante futuro, marcaram o desabrochar da sua prodigiosa inteligencia, desde o início afastada do mal e dirigida para Deus por meio da cuidadosa assistência materna.

EM MONTE CASSINO

Quem saberá descrever a saudade e mágua da afectuosa mãe quando este seu tão querido filho, com apenas cinco anos de idade, partiu para a ilustre abadia de Monte Cassino onde o pai queria que ele estudasse? Alimentavam ambos, apesar da profecia tão clara de Bonus, a esperança de ver um dia Tomás eleito abade desse opulentíssimo e famoso mosteiro que os seus antepassados haviam, em lutas pretéritas, defendido três vezes com perigo de vida e risco de perder seus bens.

Empunhava então o báculo abacial de Monte Cassino, Frei Senibaldo, irmão de Landulfo; e no cenobio, situado numa encosta, a cavaleiro da planície de Aquino, foi pelos monges recebido ufana e jubilosamente o pequenino estudante, sobrinho do Dom Abade, e de cuja infância tinham ouvido contar os sucessos extraordinarios.

Ficou um dos frades especialmente encarregado de dirigir a instrução e educação do recem-vindo que desse modo, sabiamente guiado, começou logo a progredir rapidamente nos seus estudos e a dar mostras de virtude quasi incrivel em tão verdes anos. Deleitava-o a paz do claustro, a santidade e alegria da regra monastica, e até a própria austeridade dela. Era amigo dedicado dos condiscipulos cujas brincadeiras naturalmente barulhentas e conversas futeis evitava quanto possivel, mas a quem bondosamente prestava todo o auxílio de que era capaz.

O QUE É DEUS?

Atraíam-no a solidão e o silencio, e amava a oração. Por companheiros constantes tinha os

livros, e trazia sempre um consigo. Na igreja, passava longas horas, como quem goza de íntimos colóquios com o seu Criador.

Um pensamento sobretudo o dominava, imprimindo caracter a todos os seus actos e guiando-lhe todos os passos. Com o desenvolvimento das faculdades intelectuais, esse pensamento foi-se apoderando cada vez mais do seu espirito e por fim dominou-o por completo.

Andavam um dia os escolares de Monte Cassino, de passeio, nos extensos bosques, proximos da Abadia, e brincavam alegremente à sombra de um velho carvalho. Tomás conservava-se em silencio, a pequena distancia. Aproximou-se dele o monge que os acompanhava, pôs-lhe a mão no ombro e preguntou-lhe em que cismava. A criança levantou os olhos, e, poisando-os no ancião, respondeu assim: — Dizei-me, Padre-mestre, o que é Deus? — Era este, o seu pensamento constante.

Na explicação do Religioso meditou longa e profundamente o discipulo; mas a pergunta muitas vezes ainda a repetia, procurando, com insaciavel desejo, luz e mais luz sobre o pensamento que tão completamente absorvia a sua atenção: «Deus, — Deus, — o que é Deus?»

Quasi cinco anos cursou S. Tomás, com notabilissimo aproveitamento, as aulas do mosteiro benedictino, estudando os elementos da lógica, da filosofia e gramática, disciplina em que tambem se compreendia a poética. Foi então que o Dom Abade Senibaldo, maravilhado pelo que via e sabia da santidade de vida, do amor ao trabalho e do talento prodigioso do sobrinho, participou ao Conde, seu irmão, que o estudantinho já ali nada mais podia aprender e que estava plenamente habilitado para seguir os estudos universitários!

Entrou pois na Universidade de Nápoles esta extraordinaria criança de 10 anos, depois de passar uns dias com a família que então estava residindo no castelo de Loreto.

Como se portaria o colegial entre os seus, no meio das distrações e bulicio da vida familiar, rodeado de numerosa criadagem, dos guardas e mais pessoal do castelo?

Continuou a ser exactamente o mesmo que fôra sob as monacais abóbadas beneditinas.

Em quem tanto amava a Deus, havia certamente de ser virtude dominante o amor do próximo; e, com efeito, os aflitos e necessitados encontravam em Tomás o mais dedicado dos amigos.

A fome assolava nesse tempo a região, e às portas do castelo acudia diariamente a legião dos camponeses famintos; pois era notória a caridade dos Aquinos. Os pobres pediam, e os celeiros da solarenga fortaleza iam-se esvasiando. Na distribuição de socorros cooperava, de alma e coração, o jovem Tomás. Várias vezes, tendo já dado tudo de que dispunha e até a sua refeição, sem que lograsse atender a todos os pedintes, a criança, executando uma especie de piedoso saque na cozinha e despensas do castelo, juntara quantas provisões havia achado e levara-as para matar a fome dos que lá fóra imploravam socorro.

Tantas vezes se queixou dessas expedições o mordomo, que o Conde, julgando prudente intervir, fez-se um dia encontrado com o filho, que regressava carregado de despojos, e perguntou-lhe severamente o que era que ocultava sob a capa que trazia. Tomás, perturbado, por unica resposta abriu a capa; e das dobras cairam sobre o pavimento, não os alimentos subtraidos, mas belíssi-

mas flores que emitiam a mais delicada fragrancia.

O castelão, desfeito em pranto, abraçou o filho e declarou que nunca mais o embaraçaria na prática das obras de misericórdia emquanto houvesse em casa um ceitil ou um pedaço de pão.

CAPÍTULO II

Tomás em Nápoles

FINDAVA o ano de 1234 quando S. Tomás, acompanhado do seu aio, chegou a Nápoles e começou a frequentar as aulas universitárias de retórica, filosofia, humanidades e teologia, adquirindo desde o princípio fama de estudante distintíssimo.

À humildade do santo era penosa semelhante fama; e o proporem-no constantemente seus mestres aos escolares como modelo, incomodava-o sèriamente; no entanto, a ninguem afrontava essa sua indiscutida superioridade, visto não ser possivel ter inveja de quem tão modesto e amavel se mostrava para com todos.

Segundo o costume de então, os alunos, que haviam assistido às prelecções dos professores, repetiam-nas aos condiscipulos. No desempenho dessa missão, havia-se Tomás de tal forma que a repetição era muito mais profunda e clara que a lição original.

Em Nápoles não alterou o joven estudante os seus habitos de virtude.

Havia na cidade dois mosteiros de Beneditinos; mas embora Tomás tivesse o mais entranhado amor a essa nobre Ordem, amor que durou até ao fim da sua vida, contudo não era a igreja de S. Bento que frequentava, mas sim a dos Frades Prègadores, com cujo Prior e Religiosos mantinha as mais cordeais relações.

A gravidade de porte, a afabilidade do trato, a vida austera, a fama da erudição desses Religiosos impressionaram fortemente o moço sábio.

A Ordem dos Prègadores, fundada providencialmente para dar batalha aos funestos erros do século, no próprio campo de acção deles, atraía ao seu seio fortemente as almas generosas. O Beato Jordão da Saxonia, sucessor de S. Domingos, pode servir de exemplo de quanto era intensa e irresistivel essa atracção.

Quando Jordão prègava nas cidades universitárias, logo entre os estudantes se revelavam inumeras vocações. Pelas suas próprias mãos impôs o hábito a mais de mil! O facto era tão notorio que, quando ele chegava a qualquer convento, tinham os Frades o cuidado de já ter preparada uma porção de fazenda de lã branca para a inevitavel recepção de noviços.

Rezava um dia Tomás devotamente na igreja dos Dominicanos, de Nápoles, eis senão quando se notou que da sua face se irradiava brilhante claridade. Julgaram oportuno interrogar o mancebo sobre o assunto. A Comunidade suspeitava, havia muito, que ele tinha vocação, se bem que nunca ninguem no convento lhe falasse em tal.

A resposta confirmou plenamente as suspeitas: — Quero, quero entrar nesta Santa Ordem. Mas não sou eu indigno e não será obstáculo a minha pouca idade?

Contava, com efeito, apenas 14 primaveras. Os Religiosos animaram-no a obedecer ao chamamento divino; mas deram-lhe nada menos de três longos anos para reflectir, antes de tomar resolução definitiva.

O Conde de Aquino, sabendo pelo aio, da resolução do seu filho, procurou intimidar os frades e induzir Tomás a abandonar a sua intenção. Sorria ainda a Landulfo a idéa de o vêr abade de Monte Cassino. Vãos esforços! O jovem estava

convencido de que seguia uma inspiração do Céu e nenhuma razão de ordem terrestre era capaz de o abalar no seu propósito.

ENTRA NA ORDEM DE S. DOMINGOS

Por fim, aos 17 anos de idade foi publicamente admitido na Ordem, recebendo das mãos do Prior, Tomás Agni di Lentino, o hábito branco, na igreja do convento Dominicano de Nápoles, enchendo-se o templo das mais gradas pessoas da cidade.

O acontecimento produziu sensação imensa, principalmente na nobreza regional. Muitos rapazes e raparigas das primeiras famílias, seguindo tão edificante exemplo, entraram em vários Institutos Religiosos.

Embora conhecida havia anos a intenção de Tomás, a notícia da recepção excitou extraordinariamente os Aquinos. Ruía aquele acariciado projecto de verem Tomás, abade de Monte Cassino. A Condessa, porém, vendo realizado na sua segunda parte o vaticinio do eremita, partia jubilosa para Nápoles, a fim de confirmar a vocação do filho, caso ela fosse verdadeira. Não o encontrando, transformou-se na mais violenta ira essa sua favoravel disposição. O noviço, com efeito, prevendo da parte dos pais forte oposição, tratara de evitar o perigo, e pedira aos seus superiores, que quanto antes o fizessem sair do reino, o que eles de facto permitiram.

Preso porém no caminho, foi entregue a seus pais e encerrado no castelo de Rocca Sicca. Tentaram todos os meios possiveis para o demoverem da sua resolução, mas em vão. O angélico mancebo revelou coragem inabalavel, e imperturbavel serenidade.

Convencidos da inutilidade de argumentos, os Condes de Aquino resolveram empregar meios mais violentos e encerraram o recalcitrante na Torre de S. João, contígua a uma das alas do seu castelo, com proibição de receber aí quem quer que fosse. E, para que estritamente se cumprissem estas ordens, uma forte guarda ficou encarregada de vigiar a torre.

Foi duro o cativeiro de Tomás que, após sete anos passados sob o céu incomparavel de Nápoles, se via enclausurado entre as grossas paredes de uma negra prisão, da qual, nem para passear, podia sair. Aí padeceu fome, curtiu frios e suportou toda a especie de privações. Trataram-no naquela dependencia do seu castelo natal, como se fora o pior dos malfeitores, e só o dispensavam do peso das algemas e do suplicio das trevas.

Outra alma de menos rija têmpera, outro coração menos heróico teria fraquejado sob o rigor do inhumano castigo.

De que cenas não foi teatro aquela torre, quando nela entrava Landulfo, encolerizado pela constancia do filho! Como não ecoaria sob as espessas abóbadas da fortaleza a voz irada do Conde! Ás vezes, ao prisioneiro apresentava-lhe o pai um hábito Beneditino e uma andaina de fato como o que então usavam os moços de qualidade, assegurando-lhe que logo ficaria perdoado se envergasse qualquer dos dois. Mas Tomás amava o hábito branco da sua Ordem e preferia que ele lhe servisse de mortalha a trocá-lo fosse pelo que fosse.

A tribulação era como fogo purificador em que se ia sublimando a alma angélica do Santo, a quem o Senhor assistia no cárcere como visitou José na masmorra do Egito, enchendo-o de inefaveis con-

solações. Na presença de Deus, não lhe pesava a solidão, nem as horas lhe pareciam longas. E o espirito elevadíssimo dum dos maiores génios que têm honrado a humanidade mantinha-se calmo na hora da adversidade, pairando sobranceiro às misérias deste mundo, como águia que, librando-se muito acima dos mais altos píncaros da serrania, nem sequer atende à lama que salpica o viandante nas apertadas veredas dos desfiladeiros subjacentes.

Em toda a parte se pode servir a Deus; serviu-o Tomás devotamente no cativeiro que durou bem mais de um ano. Organizou a sua vida, como se vivera num mosteiro, e dividiu as horas do dia entre o estudo e a oração.

Mais de um ano de estudo sem distracções! Que enorme soma de conhecimentos não adquiriria nesse praso a lucidissima inteligência do jovem religioso, para o qual, ler, entender e fixar qualquer assunto, tudo era o mesmo. Diz-se que estudou então a Biblia toda, decorou os cinco livros de Sentenças e comentou alguns trabalhos de Aristóteles!

A constancia e resignação do recluso não lograram demover dos seus propositos os pais que não se davam por convencidos, antes não desistiam de ainda, com o tempo, vencer a resistência dele, tanto mais que esperavam que os ajudassem nesse propósito os dois filhos militares que vinham gozar em Rocca Sicca uma licença.

Chegaram, com efeito, os dois oficiais e começaram por empregar meios suasórios, pedindo ao noviço que despisse o hábito. Como nada conseguissem, tentaram intimidá-lo; engrossaram a voz e rugiram em tom de ameaça. Por fim passaram a vias de facto e arrancaram-lhe as vestes monacais, rasgando-lhas. Tomás, sempre imperturbavel, limitou-se a juntar os pedaços de fazenda.

Foi então que o inferno sugeriu aos dois tresloucados plano diabólico. Peitaram, com promessa de avultadissima recompensa, certa mulher, de rara formosura, mas de condição infame, para que seduzisse o noviço e o levasse a mudar de vida; e introduziram-a inesperadamente na torre.

O recluso, mal ouviu as primeiras palavras da miseravel, tomando do lar um tição ardente e brandindo-o, expulsou do quarto a desgraçada.

Depois, ainda trémulo, só de pensar no abismo de que escapara, traçou com aquela arma improvisada uma cruz na parede e, ajoelhando, agradeceu a Deus, com profunda gratidão, tê-lo eficazmente protegido no arriscado lance e consagrou-se irrevogavelmente ao Senhor.

Enquanto rezava, o Santo caiu em extase e apareceram-lhe dois anjos do Céu que, cingindo-o com um milagroso cordão, lhe disseram: — Vimos, por mandado de Deus, outorgar-te o cíngulo da castidade perpétua. O Senhor ouviu a tua oração; e o que a fraqueza humana jámais seria capaz de merecer, concede-to o omnipotente Deus.

Tão apertadamente o cingiram que Tomás voltou a si e soltou involuntariamente um grito. Acudiram os criados; mas ele, por humildade, nada quis revelar e despediu-os brandamente.

Como se vê, o episódio tem o cunho inegavel da verdade; porém S. Tomás só o contou no leito da morte ao seu confessor, Frei Reginaldo, declarando tambem que, desde então, nunca mais sentiu a mais leve tentação contra a pureza.

POSTO EM LIBERDADE

Terminou inesperadamente o longo cativeiro. Ocupava a cadeira de Pedro o Papa Inocencio IV que, pelos Dominicanos, soube da violencia de que estava sendo vítima o noviço, e com ela muito se indignou.

A pedir a soltura do preso escreveu o Pontifice a Frederico II, o qual, tendo sofrido uma grave derrota, agarrou a mãos ambas aquela ocasião de lhe ser agradavel. Além disto, não desagradaria ao Imperador favorecer uma Ordem tão sábia como a Dominicana. De modo que ordenou aos seus dois oficiais, filhos de Landulfo, que soltassem o recluso.

Tinha de ser cumprida a ordem imperial, mas o Conde de Aquino exigiu que se salvassem as aparencias. O filho sairia do castelo por meio de evasão simulada, de forma que todos supusessem não ter havido consentimento dos pais. E assim foi.

Tomás desceu da janela da sua prisão, metido num cesto pendente de corda que uns homens, lá de cima, iam deixando correr.

Teodora e seus filhos apelaram para Roma, pedindo que fosse anulada a profissão, e desligado de seus votos o professo.

Inocencio IV, apesar do pouco peso das razões alegadas, quis condescender e consentiu em que a questão fosse julgada em Roma. Por Breve Apostólico, Tomás foi chamado à cidade eterna para expôr os motivos que o haviam levado a entrar na Ordem dos Prègadores contra o desejo de seus pais.

Ante o Tribunal Pontifício compareceu o jovem Dominicano cujas lúcidas respostas deixaram

assombrados os juizes; as tribulações por que passara classificou-as de justo castigo dos seus pecados e prova a que a Providência submetera a sua vocação, declarando que só tinha uma ambição: renunciar a todas as vantagens mundanas e servir obscuramente na pobreza aquele Deus que se dignara nascer pobre e morrer escarnecido pelos homens.

A sólida piedade, portentosa inteligência, clareza de conceitos, rigor de raciocínio e, ao mesmo tempo, a candura e inocência que as suas palavras revelavam, impressionaram vivamente a douta assembléa de Cardeais e o próprio Papa.

Todos, com lágrimas de comoção, procuraram consolar Teodora, felicitando-a por ser mãe de tal filho. Na verdade, quem havia de censurá-la por tentar não se separar dele?

Vencida a causa, ainda um obstáculo (e este tremendo) se levantou diante do vencedor.

Inocencio IV, vendo que muito poderia lucrar a Igreja com a elevação daquele monge extraordinario a um dos seus primeiros lugares e, ao mesmo tempo, agradando-lhe dar uma prova de muita consideração à família dos Aquinos, que aliás muita lhe merecia, ofereceu o báculo abacial do Monte Cassino a S. Tomás, permitindo-lhe que continuasse a usar o hábito Dominicano. Mostrou o Pontifice grande empenho em que a oferta fosse aceita, dando ao jovem religioso poucos dias para tomar a sua resolução.

Esses poucos dias passou-os o Santo em oração fervorosa que lhe ocupava tambem as noites, derramando muitas lágrimas e sujeitando-se a rigorosa penitencia. E, ao cabo, a resposta, respeitosa mas firme, foi pedir a S. Santidade que, como favor máximo, o deixasse viver como simples frade no Instituto que elegera.

O Papa, admirando a sua precoce e profunda sabedoria, louvou tanto zelo e desinteresse, e deu-lhe a sua benção, proibindo que, daí em diante, tentassem demovê-lo da sua vocação.

Pôde então a Ordem de S. Domingos contar definitivamente como seu filho, o portentoso Tomás de Aquino que tanto havia de honrar o hábito branco dos Frades Prègadores.

http:/alexandriacatolica.blogspot.com

CAPITULO III

O grande boi mudo da Sicília

EM COLÓNIA

ALBERTO o Grande, cognominado o *Doutor Universal* pela sua extraordinária erudição, foi uma das mais notáveis figuras da Idade Média. Leccionava em Colónia quando S. Tomás ali foi completar os seus preparatórios, depois da vitória alcançada em Roma.

Nas discussões, que tanta importância tinham no ensino da filosofia escolástica, Tomás, por modéstia, nunca tomava parte. Ao verem-no assim sempre silencioso, dando nas vistas apenas pela sua elevada estatura e corpulência, tradicional nos Aquinos, começaram todos a tê-lo na conta de estúpido. Os condiscípulos troçavam-no, chamavam-lhe *grande boi mudo da Sicília* e faziam-lhe partidas como esta:

Estava o Santo a estudar na sua cela quando lhe gritaram de fora: — Frei Tomás, Frei Tomás, venha depressa ver um boi a voar!

Levantou-se o monge para observar o fenómeno; mas, ao aproximar-se da janela, saudou-o gargalhada geral.

Preguntaram-lhe então como é que se deixara lograr com tamanha simplicidade. A resposta fez certamente reflectir os graciosos:

— Com efeito, não creio que haja boi capaz de voar; mas só agora sei que pode haver frade que falte à verdade.

Um dos condiscipulos do *boi mudo* ofereceu-se, por dó, para lhe explicar as lições. O Santo

aceitou, com mostras de grande reconhecimento, e as explicações começaram.

Ora um belo dia o improvisado *mestre* interpretou erradamente certa passagem mais difícil do texto.

Em frente do erro, o amor da verdade venceu a humildade de S. Tomás que pegou no livro e lucidamente comentou o trecho.

Pouco depois, Alberto o Grande propôs aos seus alunos uma complicadíssima questão, extraída das obras de Dinis o Areopagita; e os estudantes, por brincadeira talvez, pediram ao jovem Aquino que a estudasse.

O Santo dirigiu-se muito sossegado para a sua cela e ali resolveu todas as dúvidas, deixando porém cair inadvertidamente no chão, ao sair para o corredor, o papel em que escrevera a solução. Um frade achou por acaso o manuscrito perdido e levou-o ao Beato Alberto que, maravilhado pelo que leu, resolveu obter uma confirmação pública daquele pasmoso talento, tão cuidadosamente escondido. Apresentou pois uma tese intrincadíssima e mandou anunciar que Tomás a defenderia no dia seguinte perante a Escola.

Quáse todos previram retumbante fiasco.

O moço Dominicano, porém, tão magistralmente se houve, que o Mestre se não conteve e exclamou: — Frei Tomás, falais não como quem defende uma opinião atacada, mas como Doutor que estabelece uma verdade que cumpre sustentar.— Em seguida formulou quatro dificílimas objecções que pareciam impossíveis de resolver. O jovem Aquino contudo, tomando-as uma por uma, analizou-as e explicou-as de forma que Mestre e discipulos ficaram atónitos ao ouvirem as respostas curtas, claras, irrefutáveis; parecia Anjo a falar.

Exultante, Alberto o Grande felicitou-o e, voltando-se para os outros estudantes, proferiu estas palavras altamente proféticas que o tempo plenìssimamente confirmou:

— Chamamos *boi mudo* a Frei Tomás. Na verdade vos digo: tão forte ha-de ser o mugir da sua doutrina, que ressoará nas mais remotas partes do mundo.

Data daqui a fama de S. Tomás, que passou a ser consultado, como oráculo, pelo seu mestre em todas as questões escolásticas difíceis e obscuras, continuando no entanto a ser o mesmo fradinho humilde que atribuia todos os seus triunfos exclusivamente à luz que recebia de Deus na oração.

EM PARIS

Nomeado o *Doutor Universal* para reger uma das cadeiras dos Dominicanos na Universidade de Paris, deram-lhe S. Tomás, pelo seu invulgar merecimento, para companheiro.

Nas férias grandes, partiram os dois para a cidade do Sena, a pé, sem dinheiro, com seus bordões de peregrinos, como usavam os Dominicanos.

Levavam consigo o Breviário e a Bíblia e, por desejo de S. Tomás, o Livro das Sentenças. Esmolavam pelo caminho e os alimentos deste modo alcançados comiam-nos quando, à hora do calor, descansavam junto de qualquer fonte.

Para abrigo nocturno servia-lhes algum tranquilo claustro monacal, ou o lar acolhedor de família cristã; e muitas vezes a cura de enfermos, a reconciliação com Deus ou outra graça singular eram a recompensa generosíssima concedida aos que tinham dado poisada aos peregrinos.

Assim é que, após os trabalhos e canseiras inevitáveis em tão longa e fadigosa marcha, os dois frades chegaram a Paris e foram bater à porta do convento de *Saint Jacques*.

Tinha tradições ilustres esta casa. Originàriamente albergaria, cedera-a um dos lentes da Universidade à Ordem de S. Domingos, que nela inaugurou em 10 de Outubro de 1228 uma escola, mais tarde encorporada na Universidade.

É difícil fazer hoje ideia do que fossem as grandes Universidades medievais. A de Paris, constituída por numerosos colégios e escolas, gozava de extraordinários privilégios e plena autonomia. Protegiam-na carinhosamente tanto os Papas como os Reis de França.

Está hoje desfeita a lenda de uma Idade Média tenebrosa e ignorante. Á generosa mocidade de então abrazava-a verdadeira sede de ciência, que inúmeros e florescentíssimos estabelecimentos de ensino, monacais e universitários, saciavam, sem olhar à classe ou meios de fortuna dos escolares. Havia plena liberdade de estudar, fortes incentivos e mestres notabilíssimos.

No entanto, a muitas privações tinham de sujeitar-se os estudantes menos abastados. Lutavam com falta de alojamentos e às vezes com a miséria. Havia-os que nem fato próprio possuiam, tendo em comum com um condiscípulo uma só andaina; de forma que cada um desses sócios originais só assistia dia sim, dia não, às aulas. Nada contudo conseguia enfraquecer o desejo de saber, desses moços perseverantes.

Também não faltavam escolares cábulas; outros eram rixosos e dissolutos; e, assim, as brigas sucediam-se, sendo a impunidade um dos principais factores de tão lamentável indisciplina.

Por outro lado o racionalismo, alimentado pelo orgulho profissional de certos mestres e discípulos, ia envenenando os espíritos e promovendo a cisão entre a ciência e a religião.

Contra tão funestas tendências lutava, vitoriosamente ainda, o puro amor da verdade, que caracterizava especialmente o ensino dos Padres Prègadores, os quais tomaram por sua divisa, que sempre até hoje, têm conservado: «Veritas» a Verdade. Havia também a atracção exercida pela filosofia de Aristóteles, que eles convenientemente explicavam. De modo que as turbulentas e numerosíssimas academias universitárias serviam de outros tantos viveiros de futuros Dominicanos.

Gozava, com efeito, de prestígio imenso a Ordem de S. Domingos. Homens de todas as condições batiam às portas dos seus conventos e, despojando-se de riquezas e honras, acolhiam-se à sombra dos seus claustros.

Entre esses frades humildes escolhiam seus amigos e conselheiros os reis, e seus confessores e teólogos os próprios Papas.

ESCOLAR E SANTO

Que vida levaria Tomás nesse meio que tão desencontradas tendências e paixões agitavam? Fazia vida de santo e de sábio. A oração persistente e o insistente estudo continuavam a ser a capital e unica ocupação do seu espírito; pois era também oração o estudo, pela constante elevação da alma para Deus, a pedir-Lhe auxílio e luz.

Surpreendia-o que um frade tivesse outro pensamento que não fosse Deus; e não compreendia que pudesse comer, dormir e estar alegre quem

se reconhecesse manchado de pecado mortal, pelo qual tinha o máximo horror.

Submetendo o corpo à disciplina de mortificações contínuas, nem parecia ligar importância às comodidades vulgares e aos pequenos prazeres lícitos da existência. Levantava-se da mesa, e nem já se lembrava do que comera, só lamentando a perda de tempo nas refeições, que ainda assim procurava compensar com leituras.

Um dia as azeitonas servidas no refeitório estavam tão salgadas que ninguém lhes tocou. Frei Tomás, porém, comeu sem hesitar as que lhe couberam. Quando tal notou, um dos outros frades perguntou-lhe como tinha conseguido tolerá-las.

— E porque não havia eu de as comer?

— Porque estavam horrìvelmente salgadas.

— Não sabeis que, para temperar tão grande massa de carne como a minha, é precisa grande quantidade de sal?

Metódico, S. Tomaz não gostava de estudar muitos livros ao mesmo tempo. Preguntaram-lhe qual era o melhor meio de adquirir saber. Respondeu:

— É ler um livro sòmente.

Suas obediência perfeita e gratidão aos superiores, caridade e bondade para com todos, profunda humildade e devoção edificavam a comunidade de *Saint Jacques* e tornavam-no modelo de todas as virtudes. Dele pôde afirmar o seu confessor, quando do seu enterro, que nunca perdera a inocência baptismal.

Referiremos aqui um episódio bem característico.

Estava o Santo em Paris e, uma vez, lia alto no refeitório, quando erradamente lhe emendaram a

pronúncia de uma palavra. Tornou logo a lê-la, de acordo com a rectificação.

Observaram-lhe depois os companheiros, que o não devia ter feito, visto tratar-se evidentemente de um engano do Padre Corrector. S. Tomás, porém, declarou: — Pouco importa pronúncia de palavra; mas importa muito ser humilde e obediente.

Não vá imaginar-se que o amor ao estudo, à solidão e penitência fazia do grande Santo uma criatura pouco sociável, melancólica e rebarbativa. Longe disso!

Ninguém mais do que ele apreciou os encantos da verdadeira amizade; ninguém foi mais afável e mais estimou a companhia dos bons, do que este sisudo escolar universitário. Era com verdadeira satisfação que frequentava o Beato Ambrósio de Sena, Tomás de Cantimpré e outros seus condiscipulos de notória santidade. Admirava as virtudes que os ornavam e, considerando-se muito inferior a eles, procurava imitá-los. Sobretudo nutria por S. Boaventura a mais intensa admiração. Nos anais da Igreja, esta fraterna amizade entre o frade dominicano, S. Tomás de Aquino, e o franciscano, S. Boaventura, constitue um dos mais belos exemplos da união de duas almas de eleição, pelos vínculos da caridade cristã. Começaram na universidade de Paris essas relações que só a morte interrompeu; e nunca entre dois amigos houve tão extraordinária comunhão de pensamentos e afectos como entre o *Anjo da Escola* e o *Doutor Seráfico,* glórias das duas grandes Ordens Mendicantes.

Em 1248 receberam os dois amigos o bacharelato de teologia; e no mesmo ano partiu S. Tomás para Colónia, como assistente do Beato Alberto

que fôra nomeado para dirigir o novo colégio da Ordem, ali estabelecido. E logo as suas lições sobre filosofia e Sagrada Escritura e sobre as obras de Pedro Lombardo, autor do livro das Sentenças, lhe grangearam fama tal que de toda a região acudiam à cidade mestres e alunos para as ouvir. À mais profunda ciência aliava Tomás o dom de a saber comunicar aos outros e nas discussões escolásticas, muitas vezes tão acesas, sabia manter imperturbável calma, respondendo com moderação, ligando importância às objecções e apresentando a sua opinião com grande deferência.

A VIDA ÍNTIMA

Era esta a sua regra de vida diária: levantava-se de noite e ia rezar à igreja, regressando à sua cela antes do toque de Matinas para que não fosse notada a sua vigília.

Voltava à igreja para rezar em comum o Ofício e permanecia em oração até ao romper da aurora. Era o primeiro a celebrar, e ouvia depois outra missa em acção de graças.

A seguir, dava lição de teologia e voltava à cela onde escrevia ou ditava até à hora do jantar. Findo este, conversava um pouco com os frades e, muitas vezes, distraia o espírito com uma curta leitura. Descansava um bocadinho e logo recomeçava os seus trabalhos.

Consistia a sua recreação principal em passear no jardim ou no claustro, tendo sempre o espírito imerso no estudo ou na oração.

Nunca faltava à reza das Horas Canónicas em comum, apesar de estar dela dispensado, em virtude dos seus afazeres.

A recitação de Completas rematava os seus

dias tão bem empregados. Ao sono dedicava apenas as horas indispensáveis; e as disponíveis, diárias e nocturnas, passava-as junto do altar.

Era no silêncio da noite, durante as horas da sua admirável contemplação, que Deus mais ìntimamente se comunicava à sua alma revelando-lhe os segredos do Céu. Lágrimas de profunda comoção sulcavam então as suas faces; e o corpo frequentemente suspendia-se-lhe no ar, elevado em extase. Tão abundantes luzes recebia na oração o angélico mancebo que confessou ter aprendido mais ao meditar ante o Santíssimo Sacramento na igreja ou diante do crucifixo na cela, que em todos os seus livros de estudo. Ao escrever o *Comentário de Isaias*, como tivesse grande dificuldade em interpretar determinado trecho do profeta, recorreu à oração e, depois de alguns dias, apareceram-lhe na cela S. Pedro e S. Paulo que convenientemente o elucidaram.

A própria Virgem Maria dignava-se visitá-lo pessoalmente. Caía o Santo de joelhos ante a Senhora e confiadamente, como filho que se abrisse com sua mãe, suplicava-Lhe que o ajudasse nos seus trabalhos.

Já perto do termo da vida, prègou em Nápoles uma série de sermões sobre a Avé Maria; e nas margens de um seu autógrafo, não há muito encontrado, lê-se repetidas vezes essa mesma saudação. Mereceu enfim que a Virgem lhe revelasse que perseveraria no seu estado e que os seus escritos eram agradáveis a Deus.

Sempre que celebrava o Santo Sacrifício, abundantes lágrimas lhe brotavam dos olhos e eram tão intensos o seu fervor e devoção que se comunicavam aos assistentes.

A MÃE E OS IRMÃOS DO SANTO

Corriam difíceis os tempos. Os nobres, aliados de Frederico II, quando o concílio de Leão o excomungou e depôs, abandonaram-o e declararam-se pelo Papa. Entre eles estavam os filhos de Landulfo, Condes de Aquino e de Sora, que foram aprisionados pelos Gibelinos, sendo destruido o Castelo de Rocca Sicca e arrasada a cidade de Aquino.

S. Tomás procurou suavizar o cativeiro dos irmãos, conseguindo comunicar com eles e animando-os.

Tocados da graça de Deus, os dois encarcerados arrependeram-se e deram ambos a vida pela causa da Igreja, sofrendo perseguições por amor da justiça, caminho que leva ao Reino dos Céus.

Também as orações do Santo alcançaram a graça de uma boa morte à Condessa Teodora cujos últimos anos de vida foram modelo de oração, penitência e caridade.

As duas filhas de Teodora, uma como Abadessa em Capua e outra como esposa dedicadíssima do Conde de Marsico, chegaram ao mais alto grau de virtude.

http:/alexandriacatolica.blogspot.com

CAPITULO IV

O Doutor Angélico

A UNIVERSIDADE CONTRA OS FRADES

EM 1252 o Capitulo Geral da Ordem mandou a S. Tomás que fosse para Paris a fim de preparar o seu doutoramento. O frade, com grande sacrifício da sua humildade, obedeceu e percorreu a pé as centenas de quilómetros que separam Colónia da capital francesa, esmolando pelo caminho.

Ao passar pelos Estados da Duqueza de Brabante, prègou na presença desta piedosa senhora e mandou-lhe depois, a pedido dela, um tratado sobre as normas a seguir no governo dos judeus, em que brilham esplendidamente o espírito de justiça, o amor da liberdade e a sabedoria que tanto distinguiam o seu egrégio autor.

Chegado a Paris, começou S. Tomás a leccionar como assistente em *Saint Jacques*, sendo tamanha a afluência de ouvintes, que não bastavam para contê-los as vastas aulas do grande estabelecimento de ensino.

A Universidade felicitou os Dominicanos pelos méritos eminentíssimos do novo professor e propôs ao Padre Prior que, apesar de lhe faltarem 10 anos para a idade regulamentar, o apresentasse como candidato ao doutoramento, grau que só tomou em 1257 porque em 1253 estalava a célebre contenda entre a Universidade e os Frades.

Seria interessante relembrar aqui as fases dessa

famosa disputa. Não no-lo permite, porém, a escassez de espaço.

Chegou o conflito a tal acuidade que, estando S. Tomás a prègar, domingo de Ramos, na igreja de *Saint Jacques*, nela entrou o bedel da Universidade, que em nome dos Senhores Doutores intimou o orador a calar-se e pôs-se a lêr um longo libelo contra os Frades.

O prègador ouviu tudo com admirável calma, sem dar o mais leve sinal de impaciência e, quando o outro se calou, retomou o fio do seu discurso, não aludindo sequer à impertinente interrupção.

Uma das mais terríveis armas então brandidas contra as Ordens Mendicantes, principalmente contra os Frades Prègadores, foi o livro intitulado: *Os perigos dos últimos tempos*, de Guilherme de St. Amour. Produziu mal enorme, tão grande que, perante a animosidade dos contrários, já nem os religiosos de *Saint Jacques* se atreviam a sair do seu convento para pedir as esmolas de que viviam.

Estava o Papa Alexandre IV em Anagni quando S. Luís lhe mandou, para que sobre ela se pronunciasse, a escandalosa obra.

O Pontífice, querendo julgar o caso, com pleno conhecimento de causa, chamou as duas partes à sua presença e manifestou o desejo de ouvir a opinião de S. Tomás.

O Santo compôs em poucos dias a refutação do discutido livro, mais tarde publicada sob o título *Contra os adversários do culto de Deus e da religião*, expô-lo verbalmente ante Sua Santidade e a Côrte Pontifícia maravilhados pela força, clareza e elegância da sua argumentação, e alcançou vitória completa.

Condenado, o livro de Guilherme de St. Amour foi queimado em Anagni na presença de Alexandre IV. Os delegados universitários que o haviam defendido retrataram-se, e a Universidade de Paris resolveu conferir o grau de Doutor a S. Tomás e S. Boaventura.

As ordens explícitas do Papa, e o zêlo e autoridade de S. Luís conseguiram por fim apagar as últimas faúlhas do incêndio ateado pela contenda de Paris; e o convite da Universidade dirigido aos dois formidáveis defensores da verdade veio confirmar as pazes. A opinião pública, devidamente esclarecida, era agora favorável aos frades; de forma que a notícia do próximo e duplo doutoramento foi recebida com aplauso universal.

DOIS DOUTORAMENTOS NOTAVEIS

O doutoramento foi tão grande provação para a sua humildade que S. Tomás, na véspera da cerimónia, ainda não havia conseguido compôr o discurso que tinha de proferir no acto.

Baixou a noite, e o Santo foi, como de costume, rezar à igreja e aí, com lágrimas, implorou o auxílio do Céu. Exausto, adormeceu profundamente. Apareceu-lhe então um venerando ancião que, de pé nos degraus do altar e revestido do hábito dominicano, lhe falou assim:

— Frei Tomás, por que choras e que pedes ao Senhor?

Respondeu: — Choro porque me vão doutorar em Teologia, para o que sou totalmente inapto. Nem sequer sei escolher a tese.

O velho replicou: — Eis que foi ouvida a tua oração. Aceita o grau, porque Deus está contigo; e para tese toma só estas palavras: «*Que regas*

os montes das águas mais altas: do fruto das tuas obras se saciará a terra» ([1]).

Acordou S. Tomás, consolado e alegre, e em poucas horas compôs a tese que no dia seguinte defendeu com retumbante êxito, maravilhando o auditório de sábios que se juntaram a ouvi-lo.

Desde então, o texto citado vem-se considerando como profético em relação ao Anjo das Escolas, cujo ensino havia de ser lição para doutores, pela sua nobre elevação, e não menos para os simples fieis, pela sua límpida clareza.

Em 23 de Outubro de 1257 foi conferido, com todo o esplendor do cerimonial desses tempos, o grau de Doutor em Teologia a S. Tomás de Aquino e logo depois a S. Boaventura, Geral da Ordem de S. Francisco, tendo préviamente havido contestação entre eles, pois cada um desejava, por humildade, que ao outro fosse dada a precedencia.

Começou Tomás imediatamente a reger a cadeira em *Saint Jacques*, e Boaventura, no colégio franciscano de Paris. E logo se estabeleceu solidamente a fama dos dois doutores, o *Angélico* e o *Seráfico*, os quais mutuamente se inspiravam e acendiam no amor de Deus, imprimindo cada um nos respectivos ensino e escritos o cunho correspondente ao seu bem merecido epíteto.

Escrevia um dia S. Boaventura, totalmente absorvido na obra, a vida de S. Francisco, quando o foi visitar S. Tomás que, mal o viu assim ocupado, se retirou dizendo:

— Vamo-nos embora; não o interrompamos. É Santo que está a escrever a vida de outro Santo.

E quando S. Tomás lhe pediu que lhe mostrasse os livros dos quais extraía os sublimes pensamentos, revelados em seus escritos, S. Boaventura respondeu:

— Eis o livro! E apontou para um Cristo que tinha diante de si.

([1]) Ps. CIII. — 13.

Noutra ocasião, S. Boaventura, ao entrar de visita na cela de S. Tomás, viu um anjo a assistir o seu amigo que escrevia; e disse, a anunciar-se:

— Estais a escrever, Frei Tomás?

— Sim, — respondeu o dominicano, — escrevo àcerca do Santíssimo Corpo de Nosso Senhor.

E deste modo é que S. Boaventura soube que Tomás estava recebendo inspiração do Céu.

S. Luís, rei de França, dedicava aos dois santos doutores o maior afecto e tinha por eles verdadeira admiração; apreciava imenso o seu convívio e consultava-os em todos os casos importantes. A sua estima pelas Ordens Mendicantes levava-o a dizer que, se pudesse dividir-se em duas partes, daria uma aos Dominicanos e a outra aos Franciscanos.

Por sua morte legou aos dois Institutos grande parte da livraria que possuia.

Este santo rei, sempre que o seu Conselho tinha de discutir qualquer assunto ponderoso, mandava chamar ao paço, na véspera à noite, S. Tomás para ouvir a sua opinião; pois sempre a achava acertada, prudente e justa.

PELEJAS E TRIUNFOS

Causava ainda estragos na Europa o cisma dos Maniqueus; e fora martirizado na Lombardia por esses fanáticos o célebre Dominicano, S. Pedro de Verona, em 1250. Andava S. Tomás muito ocupado em combater pela pena tão detestável heresia, quando teve de ir, em companhia do Prior de

Saint Jacques, jantar ao paço real, a convite de S. Luís. Concentrado na preparação do seu trabalho, manteve-se durante a refeição em completo silencio, até que de repente o quebrou, batendo com a mão na mesa e exclamando: — Este argumento é conclusivo contra os Maniqueus.

Muito apoquentado, o Prior puxou pela manga do companheiro e lembrou-lhe que estava na presença do rei. Tomás pediu humildemente desculpa; mas S. Luís mandou chamar um dos seus copistas para sem demora registar o argumento feliz.

Ao tempo em que o *Doutor Angélico* leccionava em Paris, surgiu a celebre controversia àcerca dos acidentes eucaristicos, questão subtilíssima. Depois de prolongadíssima discussão, os professores da Universidade, incapazes de chegar a qualquer conclusão, resolveram submeter o pleito a S. Tomás, tão alto era o conceito em que o tinham.

O Santo, após muitos jejuns e orações, examinou a questão e escreveu o seu parecer. Aproximou-se então do altar, sobre o qual colocou o seu manuscrito, como discipulo que apresentasse um trabalho a seu mestre, e pediu a Jesus crucificado que lhe desse força para ensinar o que escrevera, se fosse verdade, e o detivesse a tempo, se algo houvesse de contrário à fé no escrito. Uns frades, que ali estavam ocultos, viram Cristo descer da Cruz, e ouviram-n'O declarar, de pé sobre o manuscrito:

— Tomás, bem escreveste àcerca do Sacramento do Meu Corpo.

Em seguida, o Santo foi arrebatado em extase à altura de um côvado.

É da mesma época a «*Suma contra os gentios*» para confirmar na fé os moiros, judeus e sarracenos convertidos ao catolicismo em Espanha e

Africa e ajudar os Frades Prègadores na evangelização desses infieis. Esta obra de S. Tomás foi, como tudo quanto escreveu, apreciadíssima e dela se fizeram traduções gregas, hebraicas e siriacas.

Tambem pelo mesmo tempo compôs o ilustre dominicano, o tratado: «*Da unidade do intelecto contra os Averroistas*», refutação irrespondivel das teorias do heresiarca árabe que tinham alastrado muito, até na Europa. Deste trabalho disse um autor moderno:

— Console-se S. Luís do mau êxito da sua cruzada no Egito e em Tunes. Se foi vencido no seu terrivel duelo com o Islamismo arabe, a cruzada de S. Tomás triunfou. O silogismo da Escola, como engenho de guerra, derruiu totalmente o edificio filosófico de que o panteismo era base e corôa. A armadura de Averroes foi despedaçada ao som do aplauso unânime das escolas admirativas. Passados séculos, a vitória de S. Tomás é hoje interpretada como o triunfo da família cristã sobre a árabe . . .

Findo o ano regulamentar de magistério, S. Tomás desceu da sua cátedra. Prègou, foi a *Valenciennes* assistir ao Capítulo da Ordem e, com o auxílio de outros doutores, redigiu um novo regulamento de estudos, cuja influência ainda hoje se nota nos colégios dominicanos.

A Universidade de Paris sentiu tanto a falta do mestre predilecto que lhe pediu voltasse a reger a sua cadeira, apesar das disposições legais em contrário. O convite foi aceito, concorrendo às lições numerosíssimos ouvintes. Nas horas vagas, escreveu o ilustre prelector algumas obras e projectou outras que mais tarde concluiu. Ditava ao mesmo tempo a três secretarios, e tão admiravel é o seu estilo, tão nítidas as suas frases, tão claras

as razões e convincentes os argumentos que nunca teólogo algum pôde juntar ou tirar-lhes uma palavra sequer, para os aperfeiçoar.

URBANO IV

Eleito Papa em 1261, Urbano IV, desejoso do seu auxílio e conselho, chamou S. Tomás a Roma, para junto de si. E, assim, durante a vida deste Pontífice que, em defesa dos direitos da Igreja, teve de lutar contra os descendentes de Frederico II, o Doutor Angélico sempre acompanhou a côrte pontifical nos deslocamentos a que os sucessos políticos e militares a obrigavam.

Nesses três anos o Santo prégou e ensinou nas escolas dominicanas de Roma, em Viterbo, Orvieto, Fondi e Perugia, sempre ante auditórios compactos. Escreveu um tratado a refutar os erros dos gregos cismáticos e outro a desfazer os dos gregos, arménios e sarracenos. São obras valiosíssimas que têm constantemente servido de arma eficaz contra os inimigos da Igreja, tendo hoje a mesma oportunidade que na época em que foram pela primeira vez publicados. Depois de tantos séculos as obras de Aquino, sem a mudança de uma só palavra, são professadas, como fontes límpidas da verdade, não só nas Universidades católicas, mas até nas protestantes. No actual momento, dois Dominicanos, em religião irmãos de S. Tomás, ensinam a sua filosofia, um na Universidade protestante de Amsterdão, outro na de Londres.

Outro seu escrito célebre, do mesmo periodo, é a *Catena Aurea*, lúcido comentário do Evangelho e prodigio de erudição.

Prégando os sermões da Quaresma em S. Pedro de Roma, pela unção e fervor da sua palavra de

oiro, arrancava ao auditório lágrimas e suspiros que obrigavam muitas vezes o orador a suspender por uns instantes a sua prédica admirável.

Á saida dum desses extraordinários sermões, certa mulher, que sofria de penosa enfermidade havia muitos anos, tocou na fimbria do hábito de S. Tomás e logo sarou; milagre que muito se parece com a cura de hemorrhoíssa pelo próprio Salvador.

Para galardoar os trabalhos do eloquentíssimo Frade Prégador, Urbano IV ofereceu-lhe rendas importantíssimas e uma alta dignidade eclesiástica. Pediu o humilde dominico ao Pontífice, que conferisse o cargo a outro mais digno e empregasse as rendas em benefício dos pobres. Não quiz nunca receber qualquer recompensa.

Algum tempo depois, indo visitar o Cardeal Dominicano, Ricardo Annibaldi de Molaria, seu amigo, ao castelo de Molaria, perto de Roma, S. Tomás encontrou lá dois rabinos, convictos inimigos do cristianismo. Conversou com eles sobre religião e passou toda a noite, que era a da véspera do Natal, a explicar-lhes as verdades messianicas.

Confessaram-se os judeus, por fim, vencidos e completamente convencidos pela argumentação do mestre, e receberam o baptismo; o que muito edificou o Cardeal e todos os romanos. Desde então, o Céu nunca deixou de conceder ao Santo alguma graça singular em dia de Natal.

A SUMA TEOLÓGICA

Contava 40 anos de idade quando, nesse mesmo ano de 1265, S. Tomás começou em Santa Sabina, de Roma, a Suma Teológica, obra máxima do

seu génio, que o imortalizou e cuja composição constituiu o seu principal trabalho literário nos restantes nove anos de vida.

Em 1267 foi a Bolonha ao Capitulo da Ordem, assistindo à trasladação do corpo de S. Domingos. Regeu aí a cadeira de Teologia, com o costumado exito. É da sua estadia nessa cidade o episódio seguinte que bem caracteriza a sua humildade.

Andava S. Tomás a passear num dos corredores do convento, absorto no seu labor mental, quando dele se aproximou um Irmão leigo, recem-chegado de outro mosteiro, o qual lhe disse ter recebido, do Superior, ordem de convidar a acompanhá-lo à cidade o primeiro frade que encontrasse.

O Santo seguiu-o logo; porém uma dolorosa enfermidade numa perna não o deixava ir a par do companheiro que várias vezes o repreendeu pela sua preguiça.

Calcule-se o espanto dos bolonheses ao verem o Mestre respeitadíssimo ir, e com tanta dificuldade, no encalço de um frade obscuro. Aos que lho manifestavam, respondia apenas: — A perfeição em Religião consiste na obediência.

O pobre leigo, quando já no convento soube quem éra o seu companheiro, lançou-se-lhe aos pés, consternado, a pedir perdão.

Ainda mais confuso, S. Tomás respondeu-lhe com doçura:

— Não foi por culpa vossa, querido Irmão, foi por minha, ou antes pela da minha perna doente, que eu não pude andar mais depressa nem ajudar-vos como devia.

Restabelecida a paz na Italia pela vitória de Tagliacozza em 1268, pouco dela gozou o novo Papa Clemente IV, cuja morte no mês de Novembro seguinte muito penalizou o Santo.

Em 1269 assistiu ao Capitulo Geral da Ordem em Paris onde durante uns dois anos leccionou Teologia em *Saint Jacques* a pedido de S. Luís que, tendo privado muito com ele, partiu para a sua segunda cruzada em 1 de Julho de 1270, e veio a morrer de febre em Tunes.

Voltou S. Tomás para Bolonha e aí concluiu a 2.ª parte da *Suma*. A primeira grangeára-lhe tamanha fama que muitas Universidades disputaram a honra de o vêr reger suas cátedras de Teologia; pleito de que saiu vencedora Napoles.

Pôs-se pois a caminho o Doutor Angélico. Em Roma, onde esteve umas semanas, começou a 3.ª parte da *Suma*, e no castelo de Molaria obteve a cura de um frade, seu companheiro de jornada, que adoecera com febre e estava desenganado dos médicos, colocando-lhe sobre o peito a relíquia de Santa Inez, que sempre trazia ao pescoço.

Na cidade eterna apareceu-lhe sua falecida irmã, que fôra abadessa em Capua, a anunciar-lhe que a tinham tirado do Purgatório as missas por ele mandadas rezar pelo seu eterno descanso.

Preguntou Tomás à visão qual era o estado da sua própria alma perante Deus.

— É boa, — respondeu-lhe. — Breve sereis nosso companheiro; a vossa glória, porém, ha-de ser maior que a nossa.

Soube mais, que, dos dois irmãos, um estava no Céu e outro no Purgatório; e um anjo lhe deu a entender que um merecera a corôa do martírio.

Recebido em Nápoles com entusiasmo pelos habitantes da cidade e seus arredores, S. Tomás não se deixou distrair pelo geral aplauso e continuou as altas lucubrações do seu espírito genial.

Ao Cardeal Legado da Sicília, que o foi visitar, apresentou-se em estado de profunda abstracção,

sem notar sequer a sua presença. De repente iluminou-se-lhe a fronte e exclamou: — Achei o que me faltava.

O achado era um excelente argumento que então lhe ocorreu, relativo a uma questão que vinha sendo debatida havia muito tempo. Avisado da inadvertência, desfez-se em desculpas.

Na região napolitana haviam-se operado grandes transformações. Recuperara a sua grandeza antiga a abadia de Monte Cassino, em cujo sopé, por influência do grande Frade Prégador, se tinha fundado um convento dominicano; e à família dos Aquinos foram restituidos Loreto, Rocca Sicca e Belcastro. Tudo isto eram consolações para quem tão dedicado era ao serviço de Deus, e tão amigo da sua Ordem e família.

Em Nápoles, na igreja do convento, apareceu-lhe um falecido dominicano, antigo mestre de Teologia em *Saint Jacques* e lhe assegurou achar-se Tomás em estado de graça e agradarem a Deus os seus trabalhos.

Aproximava-se o termo da vida do Santo e ia crescendo nele o amor à contemplação, em que empregava grande parte das horas do dia e da noite. Concluiu então o tratado sobre a Sagrada Eucaristia, que pertence à 3.ª parte da *Suma*.

Foi Deus servido manifestar-lhe nessa ocasião, pela 3.ª vez, a seu pedido, que lhe agradavam os seus escritos. Com efeito, estando S. Tomás em oração na capela de S. Nicolau, viram-no elevar-se em extase a uns poucos de côvados, e ouviram voz saída dos lábios do Cristo que estava sobre o altar proferir estas palavras:

— Escreveste bem àcerca de mim, Tomás. Que recompensa desejas?

A resposta foi: — Não outra senão vós, Senhor.

http:/alexandriacatolica.blogspot.com

CAPÍTULO V

Morte do Santo

DEPOIS de receber tão extraordinario favor do Céu, S. Tomás pareceu concentrar os anelos do seu coração no desejo de boa morte que lhe abrisse as portas da Bemaventurança. Passava horas em oração, de joelhos, imovel diante do Crucifixo ou, lavado em lágrimas, prostrado ante o Tabernaculo.

Domingo da Paixão, ao celebrar na igreja dos dominicanos na presença dos frades e de grande e distintíssima assembleia de fieis, entrou em extase. E assim esteve largo tempo, absorto. Muito instado, limitou-se a dizer que o que vira e ouvira o tinha assombrado e seria falta de respeito divulgá-lo.

Outra revelação que teve em 1273, quando dizia missa, dia de S. Nicolau, no altar deste Santo no convento de Nápoles, tamanha impressão lhe causou que durante algum tempo não pôde escrever nem ditar. Deixou, pois, de trabalhar na conclusão do Tratado sobre a Penitência, que fazia parte da *Suma;* e explicava a desistência, dizendo: — Não posso continuar; tudo que escrevi me parece uma palhinha apenas.

Os seus superiores mandaram-o estar uns dias, para descansar o espirito, em casa de sua estremecida irmã Teodora, esposa do Conde de Marsico. Revelou aí ao seu companheiro de viagem, que era chegado o termo dos seus trabalhos e que esperava não tardaria muito o da vida.

Um dia Teodora perguntou-lhe como havia de tornar-se santa. Respondeu: — Querendo sê-lo. À pergunta: — Que deve sobretudo desejar-

-se na vida? — deu esta resposta: — Uma boa morte.

Tendo regressado ao convento de Nápoles, caiu de cama com febre. Uma noite, o religioso que o velava viu de súbito uma estrela brilhante entrar pela janela, permanecer algum tempo sobre a cabeça do enfermo e, por fim, sumir-se.

Apesar de ainda estar doente, S. Tomás pôs-se a caminho, mal recebeu ordem do Papa, que era então Gregório X, para tomar parte no Concílio.

Ao despedir-se de Carlos de Anjou, rei de Nápoles, este perguntou-lhe o que tencionava dizer na magna assembleia acerca dos negócios do reino. É de saber que Carlos acariciava ambiciosos projectos sobre Constantinopla, não tendo porém a recomendá-lo nem o seu comportamento pessoal nem as suas normas de governo. A resposta do Santo caracteriza a nobre independencia de um espírito ligado à Ordem que tem por divisa, *Veritas:* — Direi a verdade.

Seria a última, a viagem empreendida por S. Tomás em tão precário estado de saude.

Ao sair da cidade, bateu com a cabeça numa árvore meio derribada. Acudiu-lhe Frei Reginaldo, deão de Teano, que com ele travou este diálogo:

— Mestre, ides ao Concílio. Que soma enorme de bens não resultarão dele para a Igreja, para a nossa Ordem e para o reino de Nápoles?

— Deus permita que assim seja.

— Seguramente vos será dada a purpura Cardinalícia; e então, que bem não podereis fazer às Ordens Mendicantes!

— Em posição nenhuma poderei ser mais útil à Ordem, que na minha actual.

E por fim S. Tomás calou o seu interlocutor, dizendo-lhe:

— Ficai certo: não mudarei nunca de situação.

No castelo de Magenza adoeceu com fastio mortal; e ao médico, que não atinava com a cura do mal, declarou que talvez fosse capaz de comer arenques que uma vez provara e tinha achado bons. Ora esse peixe não existia na região. No entanto, por descargo de consciencia, o fisico tratou de vêr o que se podia arranjar e encontrou, ao sair do castelo, um homem chamado Bordinaro que levava um cabaz de sardinhas. Examinando-as, na esperança de encontrar entre elas algum outro peixe, qual não foi o seu espanto ao descobrir no fundo do cesto uma porção de fresquíssimos arenques, peixe ali desconhecido! E subiu de ponto a surpresa, quando Bordinaro lhe asseverou que só comprara sardinhas.

O médico voltou exultante com os arenques para o castelo; e mandou que os cozinhassem e levassem ao doente a quem Frei Reginaldo disse:

— Deus satisfez o vosso desejo. Arranjaram-se arenques.

— Donde vieram e quem os mandou? — perguntou o enfermo.

— Deus os mandou.

Profundamente comovido e grato, S. Tomás julgou contudo preferível não comer o peixe; e disse ao médico:

— Doutor, será melhor entregar-me completamente à vontade de Deus e não tocar no alimento que desejei, talvez com excessivo empenho.

— Não, Padre Mestre — volveu o clínico. — Deveis fazer honra ao presente de Deus.

E o Santo, singelamente e por espírito de

obediencia, provou daqueles arenques extraordinários, readquirindo logo o apetite perdido.

Cinco dias depois, o ilustre viajante, com Frei Reginaldo e alguns monges de Cister, recomeçou a jornada. Mas tornou daí a pouco a adoecer gravemente e, como lhe fôsse impossível alcançar um convento dominicano, como desejava, aceitou a hospedagem que no de Fossa Nuova lhe ofereceu o Abade cisterciense, Pedro de Castro, dizendo: — Se estou para receber a visita de Nosso Senhor, melhor será que me encontre numa casa religiosa, que entre seculares.

Chegado à abadia, dirigiu-se logo, segundo o seu costume, à igreja para adorar o SS.mo e aí sentiu que Deus ia chamá-lo a Si. De forma que, saindo do templo, depois de ter orado com imensa devoção e fervôr, disse:

— Reginaldo, meu filho, é este o lugar do meu descanso eterno.

Foi afectuosa e respeitosíssima a atitude dos monges de Fossa Nuova para com o *Doutor Angélico*. Instalaram-no na própria cela do Abade e serviam-no com a máxima deferencia, honrados por lhe poderem ser úteis. Iam pessoalmente cortar lenha à floresta para aquecimento do Santo e traziam-na às costas; pois consideravam serem indignas de transportar tão precioso fardo as bestas de carga. E o doente, sensibilizado, exclamava:

— Donde me vem que os servos de Deus sirvam assim homem como eu, e tragam de longe tão pesados carrêgos?

A todos edificava a caridade, paciencia e devoção do enfermo, causando geral consternação a notícia da sua doença.

Começaram a chegar, de Nápoles, Roma e

outras localidades vizinhas, muitos dominicanos cuja presença lhe dava grande consolação.

Quando ele próprio anunciou a sua morte próxima, conservando contudo o pleno uso das suas faculdades, pediram-lhe os cisterciences que lhes deixasse, por legado da sua doutrina, uma exposição do Cantico dos Canticos, como deixara S. Bernardo aos monges de Claraval.

Olhou-os com extrema doçura S. Tomás e disse-lhes: — Dai-me o espírito de S. Bernardo e farei o que desejais. — Porém, acabou por ceder aos seus rogos e começou a ditar a explicação pedida, produzindo verdadeiro monumento de piedade cristã em que brilha vivíssima a fé ardente e o amor divino.

Observa, com razão, Guilherme de Tocco ser justo que o grande Doutor, quando estava para ser libertado dos grilhões materiais, désse para remate do seu ensino o Cantico de amor entre Jesus Cristo e a alma fiel.

Recomendou-se depois o Santo às orações dos frades e pediu que o deixassem sòzinho para conversar com Deus. Ouviu-lhe a confissão geral Frei Reginaldo a quem então, pela primeira vez, contou o que atrás referimos do cíngulo sagrado, mostrando-lho e declarando haver sido preservado de toda concupiscencia desde que o recebera.

Após a absolvição, pediu que lhe administrassem o Sagrado Viático e quis ser deitado sobre cinzas espalhadas no chão, para assim significar maior respeito pelo Divino Visitante. O Abade, acompanhado da comunidade, trouxe-lhe solene e processionalmente Jesus Hóstia e perguntou-lhe, segundo o antigo costume, se acreditava na Presença Real de Cristo no Santíssimo

Sacramento. Respondeu, entre lágrimas de indizível piedade, mas em voz clara:

— Creio firmemente que Jesus Cristo, Verdadeiro Deus e Verdadeiro Homem, único Filho do Padre Eterno e nascido de uma Virgem Mãe, está realmente presente neste Adorável Sacramento. Isto acredito, de coração, e por meus lábios confesso.

Mesmo antes de comungar, proferiu S. Tomás a sua jaculatória predilecta: — Vós, ó Cristo, sois o Rei da Glória, Vós sois o sempiterno Filho do Pai.

Recebido o Sacramento, o querido moribundo exprimiu em voz alta os sentimentos de fé e caridade que o animavam, pronunciando aquelas sublimes palavras de *Adoro-te devote*, que é o mais belo de todos os seus hinos e constitue, por assim dizer, o termo de encerramento de uma vida toda norteada pelo amor ao SS.^mo^ Sacramento, e tambem legado aos fieis para neles, pelos séculos adiante, aumentar esse amor e a fé na Sagrada Eucaristia.

Só depois de haver concluido as acções de graças, consentiu que o tornassem a levar para a cama. Aí continuou a rezar com intenso fervôr, pronunciando de vez em quando, em voz alta, piedosas jaculatórias.

Ungido a seu pedido no dia seguinte, recebeu a Extrema Unção com mostras de grande alegria, respondendo às orações com os assistentes, que choravam de devoção e amor.

Procurou, com muita caridade, confortar na hora extrema os dominicanos que o cercavam e ainda rezavam fervorosamente pelas suas melhoras, pois não queriam acreditar na proximidade da

morte. A Frei Reginaldo, que no-las transmitiu, disse estas palavras de resignação perfeita:

— Se me tendes verdadeira amizade, rejubilai; porque estou plenamente consolado.

Depois, o moribundo agradeceu ao Abade e monges de Fossa Nuova a muita caridade com que o haviam tratado, prometendo por sua vez lembrar-se deles junto do Altíssimo e, como lho pedissem muito, abraçou-os.

Perguntando-lhe um dos frades qual era o melhor meio de viver sem ofender a Deus, respondeu:

— Estai certo de que nunca será separado de Deus pelo pecado quem sempre procede com os olhos postos n'Ele e está sempre pronto a dar-lhe conta das suas acções.

Foram estas suas últimas palavras.

Não tardou que entrasse em agonia, vindo a expirar sossegadamente poucas horas depois da meia noite de 7 de Março de 1274.

SUCESSOS PRODIGIOSOS

Nesse mesmo instante apagou-se a luz extraordinária, como de cometa, que três dias antes surgira no firmamento, mesmo sobre o mosteiro. E um frade, que estava a rezar na igreja, viu a alma de S. Tomás, sob as aparencias de formosíssima estrela, subir ao Céu.

Em Colónia, à mesma hora, Alberto o Grande, perante o Prior do convento e mais frades, desatou a chorar. E a quem lhe perguntou a causa do pranto, explicou: — Frei Tomás de Aquino, meu filho em Cristo, que era a luz da Igreja, morreu; e Deus mo revelou.

Quando o corpo de S. Tomás foi exposto à

porta da Abadia de Fossa Nuova para que o pudessem venerar senhoras da sua família ocorreu sucesso singular. A mula que havia transportado o Santo em suas viagens, desde que Ele, por doença, deixara de as fazer a pé, soltou-se subitamente, saiu da cavalariça e, dirigindo-se até à porta do mosteiro, caiu redondamente morta diante do caixão.

Estando Frei Paulo de Aquila, varão de eminentíssimas virtudes, a rezar na igreja conventual de Nápoles, entrou em extase e viu S. Tomás a ensinar grande multidão de discípulos. Apareceu então S. Paulo e pôs-se a conversar com o *Doutor Angélico,* que lhe perguntou se ele, Tomás, havia interpretado bem as Epístolas do Apóstolo das Gentes.

S. Paulo respondeu: — Sim, tanto quanto a um mortal é dado entendê-las; vinde porém comigo e eu vos conduzirei a um lugar onde mais clara inteligencia tereis de todas as coisas.

Ainda extático, Frei Paulo exclamou três vezes: — Ai, ai, ai, que nos levam o nosso doutor.

A essa mesma hora morria S. Tomás.

Começaram então os milagres operados por intercessão do grande Santo que no Céu não se esquecia dos seus amigos da terra. Entre esses prodígios conta-se a cura do Sub-Prior do convento de Fossa Nuova que, tendo cegado de todo havia certo tempo, recuperou a vista, mal tocou com os seus olhos os do falecido servo de Deus.

Um dos mais dedicados discípulos do *Anjo das Escolas,* Alberto de Brescia, pediu muito a Deus que lhe fosse revelado o grau de gloria a que ascendera no Paraiso o mestre estremecido, invocando a intercessão de Nossa Senhora e de Santo Agostinho.

Prostrado um dia ante o altar da Virgem, apareceram-lhe duas personagens imponentes, aureoladas de luz. Uma era santo mitrado e o outro, frade dominicano, cujo hábito ornavam cintilantes pedras preciosas e em cuja fronte assentava corôa de oiro e diamantes. Dois cordões de oiro e prata lhe pendiam do pescoço e um enorme carbunculo, deslumbrante como o sol, resplandecia-lhe sobre o peito.

O santo de mitra falou assim: — De que vos admirais, Frei Alberto? Ouviu Deus a vossa prece. Declaro-vos que sou Agostinho, Doutor da Igreja, enviado para vos tornar conhecida a glória de Tomás de Aquino que comigo reina. E' meu filho; porque seguiu a doutrina do Apóstolo e a minha e, com o seu saber, iluminou a Igreja. Isto significam as pedras preciosas que o adornam. A que lhe esmalta o peito, representa a recta intenção com que defendeu e afirmou a Fé; as outras simbolizam os livros e escritos de toda a espécie que compôs. Tomás é meu igual em glória; mas excedeu-me pela auréola da virgindade.

S. Tomás era, como já dissemos, de elevada estatura e corpulento. A fronte ampla anunciava logo, a quem o via, estar ali *alguem.* Do encanto exercido sobre todos pelo grande Santo Dominicano são prova estas palavras de Gibelli, quando a ele se refere:

— Na sua pessoa, no seu porte, em cada uma das suas acções havia o quer que fosse de celeste, como que um fulgor da luz do alto. Todos os seus hábitos reflectiam a serenidade do seu espírito, bem como o fervor da caridade que era a vida da sua alma.

Bastava um seu relancear de olhos ou uma só

palavra que pronunciasse para encher de paz e consolação os que dele se aproximavam e comunicar-lhes a chama ardente de amor divino que lhe consumia o coração generosíssimo.

Quando advogou a causa da sua própria vocação perante Inocencio IV, como vimos, e em Anagni, na memoravel defesa das Ordens Mendicantes, sob o pontificado de Alexandre IV, esse extraordinario ascendente, que exercia sobre os que o ouviam, claramente se manifestou.

Ao Anjo das Escolas bastava começar a falar para que imediatamente de seus lábios ficassem suspensos os mais numerosos e os mais ilustres e esclarecidos auditorios. Era verdadeiramente fulminante a sua eloquencia, e tanto mais notavel quanto é certo, e já tivemos ocasião de notar, que S. Tomás amava o silêncio, merecendo-lhe sòmente interesse os assuntos uteis ou vantajosos no campo espiritual.

E que modestia a de tão preclaro luminar da Igreja Universal! Tamanha que, antes da sua morte, pôde afirmar:

— Graças a Deus, nem o meu saber, nem o meu título de Doutor, nem qualquer êxito escolástico jamais em mim originaram sentimentos de vanglória capazes de prejudicar em minha alma a humildade...

A alma do Santo andava abismada de tal forma na contemplação de Deus que o sentimento da própria insignificancia se tornara como que uma segunda sua natureza.

«Bemaventurados os mansos; porque eles possuirão a terra». Verificava-se esta palavra do Divino Salvador no Doutor Angélico. Ninguem, como ele, era moderado nas discussões escolasticas e nunca mestre nenhum conseguiu adquirir sobre

os discipulos ascendente comparavel ao de que ele gozava.

Esta moderação, contudo, não excluia a firmeza na refutação do erro e na afirmação da verdade.

Uma vez defendia S. Tomás em público uma tese que era atacada por subtilíssimo arguente dotado de grande erudição. Este, como não levasse a melhor na discussão que tinha despertado vivíssimo interesse entre os professores e estudantes universitários de Paris, perdeu a serenidade e enveredou pelo falso caminho das invectivas e do sarcasmo.

Ante a audiencia estupefacta, S. Tomás respondeu-lhe com tão edificante paciencia e notavel mansidão, que a todos causou pasmo.

S. Tomás, para manter em santa alegria o espirito dos frades seus companheiros, gostava de lhes falar nas preciosas vantagens que da observancia religiosa resultam para a alma e para o corpo: a conservação da saúde e o prolongamento da existencia, a intensificação da vida espiritual e a aquisição de força para resistir às tentações do demónio. Também lhes apontava, como prova do desenvolvimento e acréscimo de dons intelectuais, frutos da vida penitente, o exemplo dos três moços hebreus que, pela abstinencia e temperança, atingiram grau de saber superior ao de todos os sábios de Babilónia.

Dotado de verdadeiro espírito de renúncia, tinha a pobreza na conta de um dos melhores e mais valiosos tesouros.

Conversar com S. Tomás era apreciabilíssimo prazer. Sabia comunicar ao dialogo encantadora graça, qualquer que fosse o assunto versado. Quando lhe perguntaram qual a razão por que

tanto tempo se conservara calado em Colónia na presença do Beato Alberto, respondeu:

— Porque ainda não tinha aprendido a falar diante de tão grande homem.

Noutra ocasião, ofereceram-lhe umas pequenas moedas. Era, aliás, quantia insignificante. O Santo não as aceitou, dizendo:

— Não fui encarregado de guardar a bolsa de Judas.

S. Tomás, quando em extase, tornava-se insensivel à dôr. Certa noite, estando na sua cela a ditar um trabalho sobre a SS.[ma] Trindade, calou-se para, em oração, pedir a decifração de um texto obscuro, recomendando ao frade escrevente que, em caso nenhum, lhe dirigisse a palavra.

Ao cabo de uma hora, estando quasi consumida a vela que tinha na mão, a chama dela chegou aos dedos do Santo que a segurava e a deixou continuar a arder; porque nada sentia.

Noutra ocasião, tendo de sofrer a cauterização de um abcesso na coxa, estendeu-se na cama e preparou-se para a operação, entrando logo em extase, e ficando totalmente insensivel; de modo que lhe queimaram o tumor com ferros em braza, sem o doente sequer estremecer. O mesmo sucedeu quando o sangraram em Paris. Tudo isto é tanto mais de admirar, quanto é certo que era extrema a sensibilidade do seu organismo à mais leve dôr.

Enfim, toda a vida do Doutor Angélico é modêlo de santidade e trabalho. Não só pelo estudo, mas pela oração e penitencia, adquiriu tesoiros imensos de sabedoria; de forma que razão ha em chamar ao Anjo das Escolas, *o mais sábio dos Santos e o mais santo dos sábios.*

http:/alexandriacatolica.blogspot.com

CAPÍTULO VI

A Milícia Angélica

JULGAMOS oportuno, nesta terceira parte, dar aos nossos leitores informações mais minuciosas, da Confraria da Milícia Angélica de S. Tomás, por ser ela meio eficacíssimo de se conservar a pureza. Visto que o Doutor Angélico é sobretudo célebre pela sua teologia, daremos pormenores interessantes sobre a sua obra famosa: a *Suma teológica*. E, finalmente, porque ainda usamos na liturgia, na Bênção do SS.[mo], nas Procissões, no Ofício e na Missa do Diviníssimo Sacramento do Altar, as próprias palavras de S. Tomás, os seus hinos magníficos, o *Pange Lingua*, o *Tantum Ergo*, o O *Salutaris*, etc., consagraremos um capítulo inteiro ao Ofício do SS.[mo] Sacramento, que devemos ao grande Santo.

O maior flagelo do mundo é, sem dúvida, o vício da impureza. Foi a sensualidade, em grande parte, a causa do dilúvio, em que toda a raça humana pereceu, com a única excepção de Noé e da sua família.

Mais tarde, as cidades de Sodoma e Gomorrha foram destruidas por fogo do céu, em castigo da sua corrupção.

Nem ha outro pecado que Deus castigue com tanto rigor como este. Uns são fulminados pela morte, ao cometerem-o; outros perdem a saude ou ficam reduzidos à miséria; e todos amolecem e embrutecem, perdem a energia, a virilidade, e ficam em parte ou por completo inutilizados. O castigo é infalível e pavoroso. E,

pior que tudo, este vício obceca as suas vítimas, de sorte que não veem o terrível perigo em que vivem nem os riscos horríveis que correm.

O inferno está cheio de vítimas da impureza. Segundo a opinião geral, a *grande maioria* dos condenados estão no inferno em consequencia dos pecados de impureza. S. Afonso, cuja autoridade nesta matéria é incontestada, diz que, em cada cem desgraçados que foram para o inferno, mais de noventa ali estão por pecados dessa natureza, cometidos, ou por pensamentos, ou por desejos, palavras, vistas, leituras, ou acções impuras.

É esta a tentação mais perigosa, mais sedutora, mais fatal no mundo. Nesta rede caem novos e velhos, ricos e pobres, rudes e sábios, homens e mulheres. Ninguem pode julgar-se seguro.

Os homens mais santos têm de defender-se do demónio da impureza; e a idade mais avançada não é garantia contra o perigo.

Bem se diz que é ela a grande maldição do mundo. Como a isca do pescador atrai o peixe, assim a sensualidade atrai o homem para o pecado; mas, passado o instante da satisfação, fica na alma peso enorme, indefinido mal estar, crudelíssimo remorso.

A Santa Igreja dá-nos *alguns remédios*. Recomenda a confissão e a comunhão frequentes, que dão força aos mais fracos para vencer este vício.

Claro está que é necessário fazermos da nossa parte um esforço sério, evitando as más companhias e as ocasiões que provàvelmente levam ao pecado, teatros maus, livros indecentes, conversas, vistas, companhias deshonestas, etc. Expôr-se à tentação é cair.

Oferece-nos a Igreja ainda outro remédio específico e muito eficaz: as orações a S. Tomás

de Aquino, e o uso do seu cíngulo, bento por sacerdote que tenha a necessária faculdade.

O CÍNGULO DE SÃO TOMÁS

O cíngulo milagroso que, no castelo de Rocca Sicca, os anjos deram a S. Tomás, como atrás referimos, e que o Santo trouxe até ao fim da vida, foi por sua morte doado aos Dominicanos do convento de Chieri, no Piemonte pelo sexto superior geral da Ordem, João de Vercelli.

Ainda hoje ali os frades cuidadosamente conservam, enriquecida de singularíssimas graças, essa relíquia preciosa, tesouro da *Milícia Angélica*, de que é emblema e escudo. Citaremos, entre outros diplomas pontifícios que extraordinàriamente a valorizaram, o breve de 21 de Março de 1654, de Inocencio X, e uma bula de Bento XIII, de 1725.

O cíngulo de S. Tomás está encerrado num relicário, e enrola um ramo de coral. Compõem-no filamentos finíssimos, tão ténues, que ainda nunca foi possível determinar a substância que os constitue. É branco e achatado, mais parecendo fita, que corda. Numa das extremidades apresenta duas aselhas, através das quais passa a outra ponta, que fica pendente e tem quinze nós, em honra dos quinze mistérios do Rosário.

A *Milícia Angélica* é confraria cujos associados se propõem conservar a pureza baptismal ou reconquistá-la, se a tiverem perdido. Por arma contra as tentações da carne usam os confrades um cíngulo ou cinto, feito pelo molde do de S. Tomás.

Em 1580 o Padre Dominicano, Cipriano Uberti, mandou fazer, segundo o modelo do cíngulo

de S. Tomás, cintos de linho que se espalharam profusamente na Itália. Só mais tarde se fundou em Lovaina a *Milícia Angélica.*

Propagou-se com assombrosa rapidez em toda a Europa esta pia associação e, no decurso dos séculos, até aos nossos dias, veio afirmando a esplendida vitória da alma vivificada pelos sacramentos, sobre o corpo, sujeito a cair em pecado. No meio da sociedade contemporanea, corroída de vícios e gelada pela indiferença religiosa, as puras e entusiásticas falanges da *Milícia Angélica,* armadas do milagroso cíngulo e de olhos postos no céu, continuam, sob a égide do Anjo das Escolas, o milenário combate e afirmam nobremente o domínio consciente do espírito sobre a matéria.

Nesse aguerrido exército de soldados de Cristo têm entrado homens e mulheres de todas as idades e condições, ricos e pobres, nobres e plebeus.

Também reis e rainhas se honraram incorporando-se nele, procurando, por esse meio, defender-se das paixões, contra as quais todos temos de lutar. Entre os alistados contaram-se sempre numerosíssimos estudantes universitários, desejosos de se precaver contra perigos gravíssimos. E razão têm os que assim procedem; porque, no mar da vida, é quando a mocidade ainda nos doira de ilusões o futuro, que os mais temíveis temporais nos assaltam; sendo nessa quadra florida que se dão os mais desastrosos naufrágios.

Quantos rapazes não ficaram devendo à protecção do grande Santo, cujo cíngulo usavam, a força de animo que os afastou da beira do abismo de perdição, em que tantos companheiros

e amigos tudo perderam: fortuna, saude, alegria, a honra e a alma!

O Padre Camilo Quadrio, num seu escrito datado de 1660, declara que seriam precisos muitos volumes para relatar as graças obtidas pelo uso do sagrado cinto.

Herança sagrada de um grande homem que foi sábio e santo, padrão da vitória decisiva que definitivamente o afastou do mal e o tornou obreiro do bem, o cíngulo de S. Tomás deveria ser usado com devoção e confiança pela mocidade católica e muito especialmente pela que frequenta as escolas. Usassem-no todos os estudantes, e transformação profunda e visível se operaria no mundo. Vitoriosos na luta contra as paixões, libertados das cadeias dos vícios, os escolares agremiados na *Milícia Angélica,* santificados pela oração e pelos sacramentos e esclarecidos pelo estudo, constituiriam ala brilhantíssima de Católicos praticantes que, sobre as mortas ilusões das gerações incrédulas, implantariam sòlidamente a cruz da Redenção.

Não lhes faltam, nisto, bons exemplos a seguir. S. Luís Gonzaga, padroeiro dos estudantes, usou toda a vida o cíngulo de S. Tomás, de quem era dedicado devoto, e recomendava-o a todos. Da mesma forma procedeu S. José Calazans e muitos outros santos.

São faceis, facílimas, as condições impostas aos que desejam alistar-se na *Milicia Angélica:*

1.ª Receber o cingulo, benzido por sacerdote que tenha para isso a necessária faculdade.

2.ª Rezar diàriamente as orações recomendadas.

3.ª Frequentar assiduamente os sacramentos da confissão e comunhão.

Esta última condição é de todas a mais importante.

CONSELHOS

Não acamaradar com quem tenha costumes duvidosos.

Não assistir a espectaculos imorais.

Não ler livros proíbidos.

Fugir das ocasiões que facilmente levam a pecar.

Evitar palavras, conversas, divertimentos e danças indecorosas.

As senhoras evitarão no seu vestuário tudo que ofenda a modéstia cristã e não permitirão que na sua presença se diga qualquer palavra de duvidosa moralidade.

ORAÇÕES QUE DEVEM REZAR OS CONFRADES DA MILICIA ANGÉLICA

Oração composta por São Tomás de Aquino, depois de haver triunfado da tentação impura

Ó meu Jesus, eu bem sei que todo o dom perfeito e, mais que qualquer outro, o da castidade, depende do poderosíssimo auxílio da Vossa graça, e que sem Vós nada pode uma criatura. Portanto Vos rogo defendais com a Vossa graça a castidade e pureza, assim da minha alma como do meu corpo. E, se alguma vez recebi qualquer impressão dos sentidos que possa manchar-me a castidade, e pureza, Vós, que sois Supremo Senhor das minhas potencias, apagai-a em mim, para que possa, com o coração imaculado, adiantar no Vosso amor e serviço, oferecendo-me todos os dias da minha vida casto nos puríssimos altares da Vossa Divindade.

Oração a São Tomás de Aquino

Castíssimo São Tomás, escolhido qual lírio de inocencia, Vós que conservastes sempre imaculada a túnica baptismal e que, cingido por dois Anjos, conservastes também em vosso corpo a pureza dos Anjos, recomendai-me, eu vo-lo peço, a Jesus, Cordeiro sem mancha, e a Maria, Rainha das Virgens; afim de que eu também possa, usando o vosso cíngulo, receber o mesmo dom, e, imitando-vos assim na terra, seja um dia coroado convosco entre os Anjos, ó Grande Protector da minha inocencia.

Pai Nosso e *Ave Maria.*

— São Tomás, rogae por nós;

— Afim de que sejamos dignos das promessas de Cristo.

Oração

Deus, que no meio das lutas tão dificeis, que temos de sustentar, Vos dignastes conceder-nos o cordão sagrado de São Tomás, nós Vos suplicamos que nos concedais também, por meio do seu auxílio, a força necessária para podermos vencer neste combate o inimigo do nosso corpo e da nossa alma, a fim de que, coroados com o lírio duma pureza perpétua, mereçamos receber a palma dos bemaventurados no cortejo imaculado dos Anjos.

Indulgências

Aos alistados na *Milícia Angélica* são concedidas muitas indulgências, entre as quais as seguintes plenarias:

1.ª Uma no dia do alistamento na Milicia Angélica, mediante confissão e comunhão;

2.ª Uma no dia 28 de Janeiro ou no dia 7 de Março, mediante confissão e comunhão e visita a uma igreja, onde esteja erecta a confraria;

3.ª Uma num dia à escolha, uma vez no mês, rezando todos os dias a oração: *Castíssimo Tomás*, etc.;

4.ª Uma na hora da morte se, contritos, invocarem o SS.^mo Nome de Jesus com o coração, quando não o possam fazer com a boca;

5.ª Uma indulgência plenária no primeiro domingo do mês, em comum com todos os fieis.

Sejamos puros

A sensualidade, a impureza é o flagelo universal da humanidade, que faz milhares de vítimas e arruina os individuos, a família e a sociedade.

1.º — Leva um número infinito de vítimas, todos os dias, para o inferno.

2.º — Incita a ira de Deus e traz os mais tremendos castigos sobre as suas desgraçadas vítimas.

3.º — Causa as piores formas de neurastenia.

4.º — Tira ao homem, caracter, principios, seriedade, energia; deixa-o em estado lastimavel de fraqueza.

5.º — É a ruina, sobretudo da mocidade.

Estabeleça todo o Páraco sem demora a Confraria da Milícia Angélica na sua freguesia, inscrevendo no livro respectivo todos os seus paroquianos novos e velhos mas sobretudo os rapazes e as meninas da Primeira Comunhão.

Exorte todo o Confessor os seus penitentes a receberem este cíngulo maravilhoso. *Toda a mãe* deve diligenciar que seus filhos o recebam.

Pode usar-se a medalha de S. Tomás em vez do cíngulo, como autorizou Sua Santidade o Papa Pio XI.

O Director da Cruzada do Rosário, 32, T. do Corpo Santo, Lisboa, fornece todos os esclareci mentos necessários.

CAPÍTULO VII

A Suma de S. Tomás

JÁ nos referimos de passagem à *Suma* de S. Tomás. Julgamos porém conveniente, pela razão que atrás apontámos, dedicar-lhe um capítulo especial.

Entre os teólogos de todos os tempos, S. Tomás ocupa o primeiro logar. Não será demais insistir sempre neste ponto, em homenagem à verdade: *S. Tomás é o principe dos teólogos;* nunca nenhum o excedeu nem igualou.

A *Suma* podia ter sido apenas compilação de todos os materiais dispersos da teologia; mas S. Tomás, compondo-a, produziu (como observa o grande Lacordaire) uma obra prima de que todos falam, até aqueles que nunca a leram, como todos falam das piramides do Egito, que só poucos terão acaso visto.

Afirmam-se nela o génio dominador e formidavel do *Anjo das Escolas,* a solidez inabalavel da sua doutrina, a caridade ardente que lhe abrazava o coração, e o encanto do seu estilo inimitavel.

A clareza das definições e a precisão dos termos não excluem os vôos sublimes da mais elevada poesia, com que a pena de oiro do *Doutor Angélico* embeleza esse escrito assombroso, a que um crítico competente chamou «a maior epopeia que mente de homem há concebido». E, assim, a concisão do dogma alia-se muitas vezes à riqueza exuberante das imagens, tendo essas páginas admiraveis fundamente impresso o cunho da devoção profunda que valorizava todas as acções de S. Tomás.

Que vem a ser a *Suma?*

É tratado de teologia posta ao alcance de todos. Di-lo o seu egrégio autor, na Introdução, quando afirma que intenta ensinar as grandes verdades da Fé, de modo que o entendam os principiantes, evitando todas as questões inuteis e desconcertantes. Semelhante orientação dá logo à obra acentuado cunho de catolicidade.

Divide-se em três partes a *Suma (Suma totius theologiae tripartita).* A primeira trata de Deus, das Suas infinitas perfeições e da SS.ma Trindade. Discorre depois sobre os anjos e suas jerarquias, ocupando-se finalmente da criação do mundo fisico e estudando o homem, composto de corpo e alma. É verdadeiro tratado da ciência de Deus, considerado em Si mesmo e como Criador.

A Segunda Parte refere-se a Deus, como fim último das criaturas e alvo supremo das acções que a Ele nos conduzem ou d'Ele nos afastam. Na sua primeira subdivisão *(prima secundae),* discute de um modo geral essas acções, que são os vícios e as virtudes, pormenorizando-as na segunda *(secunda secundae).*

É lucidíssima a análise das leis naturais, humanas e divinas, sendo magistralmente explicado tudo que se refere à graça e à justificação, e não deixando logar a dúvidas a exposição dos deveres correspondentes aos diferentes estados que os homens podem abraçar.

Quem subdividiu a Parte Segunda foram os discípulos do Santo que não chegou a concluir a Terceira, cujo objecto é a Incarnação de Nosso Senhor, os mistérios da Sua morte, Paixão e triunfos, e finalmente a aplicação dos merecimentos de Jesus ao homem pelos sacramentos.

Com efeito, a certeza da morte, que S. Tomás

previu com três meses de antecedencia, levou-o a desistir completamente do estudo, a fim de se abismar na meditação da Eternidade em que ia entrar. De forma que só deixou acabada a exposição magnifica ácerca da Sagrada Eucaristia, à qual se acrescentaram posteriormente alguns extractos das suas lições e o seu comentário sobre o 4.º livro das *Sentenças*.

Nas Escolas da Idade Média chamavam *Suma* à colecção formada pelas leituras e explicações de cada mestre, relativas a determinada ciência.

Houve em jurisprudencia a *Suma Azonis;* em medicina, a *Suma Thaddaei*, por exemplo, e no direito canónico, o famoso *Decretum Gratiani*, cuja adopção em Portugal, sob a primeira dinastia, tanto contribuiu para o abrandamento dos rudes costumes e crueis usanças do tempo. Porém a *Suma teológica* de S. Tomás, de tal modo se impôs que a palavra *Suma*, sem mais qualificação nenhuma todos lha aplicam, sendo ela de facto, a *Suma* por excelência.

Pode dizer-se que os escritos anteriores do genial frade dominicano foram apenas a gradual preparação desse grande monumento da Ciência de Deus.

No intensíssimo labor intelectual da Europa medieval, uma obra apenas se lia e comentava nas escolas como texto de lições de teologia; era o *Livro das Sentenças* de Pedro Lombardo, que, sendo excelente no seu género, deixa a desejar quanto ao método científico, não é modelo de estilo e contém até algumas proposições que têm sido contestadas. Um dos primeiros trabalhos de S. Tomás foi um comentário das *Sentenças*. Os nove ultimos anos da sua vida empregou-os principalmente na composição da *Suma Teológica*.

Quis o Santo coligir num todo único as obras dos Padres e Doutores da Igreja que o haviam precedido nos doze primeiros séculos da era de Cristo e, com esses elementos, na maior parte dispersos e de difícil consulta, constituir um grande e completo corpo de doutrina cristã.

Essa estupenda obra pode dizer-se que conseguiu efectivamente S. Tomás dá-la ao mundo. O edifício por ele arquitectado é esplêndido, grandioso, admiravel de traça, como aquelas formosíssimas catedrais góticas que, assentes em alicerces profundos, erguem para o céu os fechos das suas bem lançadas ogivas e as rendilhadas flechas das suas torres elegantíssimas, em aspiração insaciavel de beleza e afirmação constante de fé. Não teve tempo de o acabar; no entanto, apesar de não totalmente concluido, o prodigioso trabalho é o mais alto padrão levantado pela inteligencia do homem no descobrimento da Verdade.

A *Suma* contém 613 questões, 3.106 artigos e mais de 15.000 argumentos sobre pontos de dogma e moral discutidos nas escolas, tudo sòlidamente apoiado na autoridade dos Padres da Igreja e em máximas de filosofia.

A ordem seguida em cada questão é a seguinte: enunciada a tese, seguem-se os artigos. A discussão de qualquer deles começa pela apresentação das objecções que serão refutadas. Opõem-se-lhes citações extraídas da Escritura, das obras dos Santos Padres e até das de Aristóteles. Faz-se depois a demonstração e, por fim, refutam-se uma por uma as objecções.

Não produz cansaço nem tédio a invariabilidade do método; porque o encanto e unção do estilo prendem irresistivelmente o leitor.

Certo escritor contemporâneo afirma que esse

encanto e unção exercem atracção tal, e tão terno amor palpita sob as roupagens severas da forma escolástica da *Suma* que muitos a consideram a melhor leitura espiritual e dela receberam acréscimo de caridade e aumento de luz. Parece poesia escrita por anjos. Lendo-a conhece-se bem toda a verdade contida nestas palavras do Cardeal Newman:

«Dos poetas que nasceram à sua sombra, pode até a Igreja fazer mestres sapientíssimos, como no caso de S. Tomás, a ponto de tornar-se poética a lógica».

A *Suma* tem sido apreciadíssima em todos os tempos e muitas conversões se lhe devem.

Leram-na e constantemente a estudaram, no meio dos seus múltiplos afazeres, entre outros santos, S. Francisco de Sales, S. Filipe Nery, S. Carlos Borromeu, o Santo Papa Pio V, Santo Antonino e o grande S. Vicente Ferrer.

Quando da chamada Reforma, Teobaldo Thamer, zeloso discipulo de Melanchton, resolveu refutá-la. Estudando-a conscienciosamente, acabou por abjurar a heresia, vencido pela força dos argumentos que ali encontrou contra os erros dos protestantes.

Na mesma época, o calvinista Duperron, atormentado de dúvidas e procurando esclarecê-las com a leitura da *Suma*, recebeu dela, com efeito, as luzes que pedia, renunciou ao erro e tomou ordens sacras. Mais tarde, em atenção ao seu saber e virtude, foi elevado ao sólio arquiepiscopal de Sens e revestido da púrpura cardinalícia.

Não admira, pois, que os chefes da detestavel Reforma se sentissem tomados de pavor ao pôrem os olhos nesse monumento de Fé. Lutero atacou furiosamente, usando de todos os meios, a dou-

trina de S. Tomás, Baldados esforços! E outro Martinho, o fanático Bucer, exclamava, num desabafo de raiva impotente: «Suprimam Tomás, e destruirei a Igreja».

«Vão desejo, não porém vão testemunho», comenta lucidamente Leão XIII.

No 15.º século, ao sábio rabino Paulo de Burgos, quando lia a *Suma*, pareceu que lhe caía dos olhos uma venda. Confessou Cristo e converteu-se ao catolicismo. Como Duperron, ordenou-se e foi sagrado Bispo, vindo a morrer Patriarca de Aquilea.

O Papa João XXII, na canonização de S. Tomás, respondeu a alguém que observava não ter o *Doutor Angélico* operado milagres em vida: — «Fez tantos milagres quantos os *artigos* que escreveu».

Da *Suma* foi, por três Padres dominicanos, compilado o catecismo do concílio de Trento; e sobre a mesa da sala das sessões dessa grande assembleia da Catolicidade, havia, para consulta dos que nela tomavam parte, três obras apenas, a saber: a Sagrada Escritura, as Actas Pontificias e a *Suma* de S. Tomás.

Concluiremos citando as palavras de João XXII, ao receber em pleno consistório os embaixadores do rei de Nápoles que iam pedir ao Pontífice a canonização do grande Frade Prègador:

— S. Tomás iluminou a Igreja mais do que todos os doutores juntos; e aproveita-se mais num ano com os seus livros do que numa vida inteira com os dos outros.

CAPÍTULO VIII

O Ofício do SS.^{mo} Sacramento

A intervenção do Doutor Angélico no estabelecimento da festa do *Corpo de Deus* merece ser minuciosamente referida, não só porque é vivamente interessante, mas para bem se conhecer a história dessa grande festa.

Foi em 1230 que o Papa Urbano IV, então ainda apenas Arcediago de Liège, aí conheceu duas santas mulheres que haviam de colaborar no maior acto do seu futuro Pontificado. Eram a freira cisterciense Juliana de Cornillon e a reclusa Eva que, segundo o uso do tempo, vivia numa cela perto da igreja de S. Martinho.

O Convento do *Mont Cornillon* tinha anexo um grande hospital para tratamento dos peregrinos que regressassem da terra Santa atacados de lepra, e estava situado extra-muros da cidade.

Aos cinco anos de idade, a orfã Juliana havia sido entregue aos cuidados das bondosas freiras daquela casa de caridade. Distinguiu-se sempre pela sua humildade, amor à leitura e oração e principalmente pela sua extraordinaria devoção ao SS.^{mo} Sacramento. Tão forte era este sentimento que para ela armaram um oratório onde às vezes permanecia solitária uma semana inteira em oração, após a comunhão.

Em 1208, quando mal contava 16 primaveras, Juliana enquanto meditava, como era seu costume, teve em espírito esta visão: apareceu-lhe a lua na fase do plenilúnio, mas com uma negra mancha a macular-lhe o brilho. Ao princípio, a mocinha não ligou importancia ao caso; porém a repetição do

fenómeno inquietou-a por fim tanto que comunicou o que via à Prioreza do Convento. Esta e as pessoas de conselho que consultou foram de opinião que se tratava apenas de um sonho.

Após muitos dias de contínuas orações, Juliana adormeceu exausta e foi-lhe então revelado o sentido da visão. No íntimo uma voz lhe segredou:

— O que te perturba é a falta, na minha Igreja Militante, da festa que desejo estabelecer: a do SS.^{mo} Sacramento do Altar. Actualmente só a celebram em quinta-feira santa; nesse dia, porém, os meus sofrimentos e morte são o principal objecto de consideração; desejo, por isso, que se lhe destine outro dia em que ela especialmente se realize com solenidade máxima, e isto por três razões:

1.ª — Para que se confirme e revigore a Fé no Divino Mistério que começam a atacar e de futuro ainda será mais fortemente ameaçado.

2.ª — Para que os crentes que procuram a verdade sejam plenamente instruidos e possam haurir na Fonte da Vida a força que os conduza na senda da virtude.

3.ª — Para que a sincera e profunda devoção ao SS.^{mo} Sacramento repare as irreverências praticadas contra a sua Divina Majestade, e a impiedade contra Ela manifestada. E tu, Juliana, foste escolhida para abrir o caminho ao estabelecimento dessa Festa.

Apesar do seu júbilo e da sua profunda crença na verdade da revelação, Juliana, por humildade, nada referiu durante o longo espaço de mais de vinte anos. Eleita em 1230 Prioresa do seu Convento, só então resolveu consultar o cónego João de Lausana depois Prior de S. Martinho, e varão

de grande experiência em casos espirituais. Pediu-lhe, sem revelar o nome da vidente, que estudasse o assunto com outros teólogos de peso. Entre os eleitos para tão grave estudo contavam-se o Arcediago Tiago Pantaleão (futuro Papa Urbano IV), Hugo de St. Cher, Provincial dos Dominicanos, o Bispo de Cambray, o Chanceler de Paris, e três doutores Dominicanos professores de Liège.

Bem analisado tudo, os eminentes examinadores chegaram a esta conclusão: o projecto concordava com o espírito da Igreja; e a festa poderia ser estabelecida, com grande proveito, como acção de graças a Deus e meio de reavivar sentimentos de amor e devoção que se iam apagando.

Em face de tão favoravel conclusão, Juliana encarregou o Dominicano Frei João, de compôr o ofício da festa. Á piedade do frade, contudo, não correspondia ciência equivalente.

Contra o projecto levantou-se tempestuosa oposição. Muitos eclesiásticos julgavam inutil uma nova festividade, e imaginária a revelação.

Foi só em 1245 que Roberto, Bispo de Liège, dirigiu uma carta ao seu clero, ordenando que se celebrasse na sua diocese a *Festa do Corpus Christi* na primeira quinta-feira após a Oitava de Pentecostes. Com a sua morte, porém, que sobreveio pouco depois, ficou esse decreto sem efeito. Só os Cónegos de S. Martinho, de Liège, começaram a celebrar em 1247 a festividade. Cinco anos depois, por ocasião dela, visitou Liège, Hugo de St. Cher, que fora elevado à púrpura cardinalicia e nomeado Legado da Santa Sé na Alemanha e Países Baixos. Disse missa solene do SS.mo Sacramento, prègou e depois ordenou que observassem a festa todos os Bispos e o clero da sua Legacia.

Não foi dado a Juliana assistir à plena realização dos seus desejos.

As guerras e perturbações politicas internas tinham afroixado muito na diocese de Liège a disciplina, de forma que parte do clero não obedeceu à ordem do Cardeal Legado. Juliana sofreu grandes contrariedades e foi desterrada do seu convento para exílio. Porém, antes de partir, confiou à reclusa Eva, sua dilecta amiga, o que desejava e esperava. Era tão grande a sua maravilhosa percepção espiritual da Presença Sacramental, que, durante as visitas de Eva, a freira muitas vezes, não obstante a grande distância que existia entre o mosteiro e a Igreja de S. Martinho, conheceu que o SS.mo era conduzido para fóra do templo, depois do ofício divino, sendo grande o desgosto dela por esse apartamento. Tendo sofrido muitas penas e aflições, morreu Juliana em 5 de Abril de 1258 no desterro. O povo do seu país reverenciou-a como Santa; e a Igreja elevou-a depois à honra dos altares. Segundo o calendário francês reza-se de Santa Juliana em 11 de Abril.

Tendo Tiágo Pantaleão ascendido ao trono pontifical, Eva conseguiu, por intermédio dos cónegos de S. Martinho, que Henrique de Gueldes, Bispo de Liège, apresentasse ao novo Papa uma petição para o estabelecimento da *Festa do Corpus Christi* em todo o Orbe Católico.

Muitos milagres do SS.mo Sacramento, ocorridos nos anos precedentes, reforçavam poderosamente a petição. Entre eles é bem conhecida a aparição de Paris, em 1258, ano em que morreu Santa Juliana. Deu-se o caso assim: à elevação da Hóstia, os fieis viram nas mãos do sacerdote uma criança, de surpreendente graça e beleza radiante. Alguns dos assistentes ampararam os braços do celebrante

para que ele os não baixasse, até que viesse presenciar a maravilha S. Luís, cujo palácio era próximo. O santo rei, porém, aos que o foram chamar limitou-se a dizer: — Corram a ver esse milagre os que tenham alguma dúvida àcerca da presença real de Jesus Cristo no SS.^mo Sacramento. Quanto a mim, graças a Deus, não preciso de tão grande prodígio para robustecer a minha fé.

Por mais favoravel que houvesse sido a disposição do Pontífice para dar bom despacho à súplica de Eva, os tempos é que não eram para isso oportunos. A guerra civil devastava a Itália, e o próprio Papa vivia exilado de Roma. Não admira, pois, que ficasse sem resposta o pedido.

Foi em tão desfavoraveis circunstancias que S. Tomás, em Maio de 1263, no regresso do capítulo de Londres, recebeu de Urbano IV ordem de se dirigir para a côrte pontificia, que então estava em Orvieto.

Aí o Papa renovou as instâncias anteriormente feitas ao Doutor Angélico para que aceitasse um bispado como prova do prazer que lhe causara a 1.ª parte da «Catena Aurea».

Lançou-se-lhe o Santo aos pés e rogou que, por única recompensa dos seus serviços, houvesse por bem ordenar a instituição da *Festa do SS.^mo Sacramento* na Igreja Universal. E logo o Pontífice anuiu ao pedido e encarregou S. Tomás de compôr o respectivo oficio.

Por isso bem escreve um autor antigo quando afirma que, na verdade, a *Festa do Corpus Christi* é a de S. Tomás e dos Padres Prègadores.

E perfilhará de certo esta sentença quem considerar, além da influência do *Anjo das Escolas* na generalização da solenidade referida, a circunstância de ter sido um Cardeal Dominicano o primeiro a

patrocinar muito especialmente a sua celebração. A confirmar o conceito, vemos a Ordem de S. Domingos dar à *Festa do Corpo de Deus* categoria análoga à do Natal, Páscoa e Pentecostes, sendo-lhe concedido pela Santa Sé, em recompensa dos seus serviços, celebrá-la de maneira muito especial.

Urbano IV encarregou tambem S. Boaventura de escrever um oficio do SS.^mo. O Franciscano obedeceu; e dizem uns que, quando ouviu ler o que S. Tomás compusera, foi rasgando uma a uma, lavado em lágrimas de júbilo e admiração, as páginas do seu próprio trabalho, à medida que a leitura prosseguia.

Segundo outros, S. Boaventura, numa visita a S. Tomás, viu sobre a mesa de trabalho do amigo a antifona *O Sacrum Convivium*. Lendo-a atentamente, de tal modo o comoveu e entusiasmou essa obra prima que, regressando à sua cela, aí destruiu o oficio que havia composto.

«O oficio de S. Tomás, diz Gaume, é imortal obra prima em que a poesia e a fé disputam uma à outra a palma. Com justiça o consideram um dos mais belos da Igreja, pela graça e energia da doce piedade que exala, pela exactidão da doutrina e perfeita proporção das suas partes, e pela juxtaposição das figuras do Velho Testamento às realidades do Novo».

As antifonas, exceptuada a última, são a aplicação de diferentes versículos dos Salmos ao SS.^mo Sacramento. Os responsos das lições estabelecem completo paralelo entre os dois Testamentos, sendo os oráculos dos Profetas, que prometem, e as palavras de Jesus, que dão o pão, Corpo de Cristo, ou o vinho, Seu preciosíssimo Sangue.

Assim, o primeiro responso compara a figura

do Cordeiro pascal dos hebreus a *Cristo imolado, nossa verdadeira Páscoa;* o segundo confronta o Maná do deserto com o *alimento celeste que dá vida ao mundo;* e o terceiro relaciona o pão que revigorou o profeta Elias, na sua viagem a Horeb, com o *Pão dos Anjos, tornado penhor da vida eterna.* Pode o quarto responso ser tomado como modelo do processo:

R) O pão que darei é a minha carne que dá vida ao mundo. Mas os judeus disputavam entre si dizendo: Como pode este dar-nos a sua carne a comer?

V) O povo falava contra Deus dizendo: Repugna à nossa alma este alimento. Como pode este homem dar-nos a sua carne a comer?

A Ceia do Senhor é contada no hino *Sacris Solemnis* de Matinas, que recorda as inestimaveis bençãos dessa noite entre todas memoravel.

O de Laudes, intitulado: *Verbum supernum prodiens,* relata a vinda do Salvador ao mundo e a sua estada entre os homens. Tem por fecho aquele acto solene de adoração, em que, prostrados diante do Santíssimo Sacramento, tantas vezes temos participado, aquele admiravel *O Salutaris Hostia,* expressão perfeita da confiança e amor com que o cristão deve pedir nos perigos da vida o omnipotente auxílio de Jesus. E' célebre a 4.ª estrofe desse hino e magistralmente resume a vida do Redentor.

Santeul, famoso poeta latinista, declarou que tudo quanto escreveu trocaria de boa vontade pelas quatro breves linhas dessa estrofe inimitavel cujas palavras citamos:

Se nascens dedit socium.
Convescens in edulium,
Se moriens in pretium,
Se regnans dat in proemium.

Súmula profunda e exacta da doutrina católica sobre o Sacramento é o hino *Pange Lingua,* de Vésperas. A liturgia adoptou-o como hino especial de Jesus-Hóstia. Canta-se em procissões, e as suas duas últimas estrofes, que constituem o *Tantum ergo,* são sempre entoadas na Benção do SS.^mo^.

A última antífona do Oficio é O *Sacrum Convivium,* sincero e prolongado brado da alma agradecida, após o Banquete que, sendo o memorial dos padecimentos do Salvador, enche de graças o conviva pela recepção do Corpo de Cristo, penhor de glória eterna.

No solene silencio da igreja, as palavras da inolvidavel antífona recitada a meia voz pelo sacerdote, quando repõe no tabernáculo a sagrada píxide, quantas lagrimas de gratidão e amor não terão feito brotar dos olhos dos fieis que adoram o seu Deus, depois de O terem recebido em comunhão?

Diz o Arcebispo Vaughan, que os hinos de S. Tomás constituem as palavras familiares do Santuário e a verdadeira linguagem da Casa de Deus. Onde encontrar dois hinos tão comoventes, tão poéticos e tão angélicos como o *Pange Lingua* e o *Sacris Solemnis,* tão deliciosamente teológicos, tão ternamente afectuosos, de tão reverente adoração e que tão bem exprimam todas as necessidades e aspirações do coração humano?

Qual o escritor que tem assim o seu nome gravado em cada santuário, havendo feito ecoar em dez mil igrejas, durante longa sequencia de séculos, a mesma sempre repetida e nunca omitida antífona de júbilo e louvor?

Aquele que vivia junto do altar, bebia o rócio celeste e conversava com os Santos de Deus, aprendera como ninguem a traduzir em palavras humanas os cânticos dos anjos. Campeão do SS.^mo^ Sa-

cramento soltava, como que por inspiração celeste, em oração de poeta, a torrente dos seus versos.

No hino exultante e triunfal de *Lauda Sion*, que se canta na missa e procissão do *Corpus Christi* e é mimo da mais elevada poesia, aliam-se genialmente a sublimidade do dogma e a mais fervorosa ternura do sentimento, na mais graciosa das linguagens poéticas.

Guéranger observa que bastava este hino para provar que S. Tomás foi não só o mais perfeito escolastico do 13.º século, mas ainda o seu mais sublime poeta.

O Papa Urbano VIII, na sua reforma da Liturgia, ordenou que se não alterassem os hinos de S. Tomás, em virtude da perfeição deles e pelo respeito devido ao seu eminente autor; de forma que os herdámos na sua forma primitiva, ao cabo do longo decurso de 600 anos!

Muitos liturgistas atribuem a S. Tomás a oração que Santo Inácio tanto gostava de rezar: *Alma de Cristo santificai-me.*

O *Tantum Ergo* e O *Salutaris* formam a forte cadeia que nos liga ao grande Santo que por eles é, até para o mais obscuro dos crentes e sem que este o saiba, força poderosíssima, de acção constante, a dirigir-nos para Deus. Essas palavras do Doutor Angélico, que empregamos sempre nos momentos de mais profunda adoração, constituem saudosíssima e doce lembrança do passado, alegria do presente e esperança de aumento de luz e graça até aos nossos últimos instantes.

Antes de submeter o oficio ao Papa, S. Tomás colocou-o junto do tabernaculo; e Nosso Senhor foi servido renovar o milagre operado em Paris a propósito dos acidentes Eucaristicos, manifestando-lhe a Sua aprovação.

O Santo Cristo, de cujos lábios sairam as palavras de aplauso, ainda hoje se conserva na igreja dominicana de Orvieto. Chama-se o *Crucifixo de S. Tomás.*

O Papa Urbano IV celebrou a solemnidade do *Corpus Christi* pela primeira vez na quinta-feira depois da Oitava de Pentecostes em 1264. No mês de Setembro seguinte dirigiu uma Bula a todos os Prelados da Igreja, ordenando a instituição geral da festa. Dessa Bula enviou o Sumo Pontífice um traslado à reclusa Eva, com uma carta datada de 8 de Setembro, em que a informava de que tinha sido satisfeita a sua piedosa aspiração. Também lhe mandou um exemplar do Oficio de S. Tomás, para substituir o que então se recitava em Liège.

Urbano IV morreu em Perugia aos 2 de Outubro de 1264, sucedendo-lhe Clemente IV, que confirmou amplamente o decreto do seu antecessor sobre a celebração da festa do *Corpo de Deus.*